

PEQUENOS MAMÍFEROS (DIDELPHIMORPHIA E RODENTIA) DE PARAÍBA E PERNAMBUCO, BRASIL

Francisco Filho de Oliveira

Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Zoologia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Bolsista da CAPES.

Alfredo Langguth

Departamento de Sistemática e Ecologia, Universidade Federal da Paraíba, Campus Universitário, João Pessoa, PB, 58059-900. e-mail: alfredo@dse.ufpb.br Bolsista do CNPq.

RESUMO

Pequenos Mamíferos (Didelphimorphia e Rodentia de Paraíba e Pernambuco, Brasil. Este trabalho apresenta uma lista das espécies de pequenos mamíferos (Didelphimorphia e Rodentia) dos estados de Paraíba e Pernambuco acompanhada de registros de distribuição geográfica baseados em espécimes conservados em museus. Uma breve descrição de cada espécie esta acompanhada de comentários taxonômicos. Registramos dez espécies de Didelphidae, dezesseis espécies de Muridae, quatro espécies de Echimyidae, três espécies de Caviidae e uma espécie da família Sciuridae.

Palavras-chave: Taxonomia, Pequenos mamíferos, Didelphimorphia, Rodentia, distribuição geográfica, Paraíba, Pernambuco.

ABSTRACT

Small mammals (Didelphimorphia and Rodentia) from Paraíba and Pernambuco, Brazil. A list of species of small mammals (Didelphimorphia and Rodentia) from States of Paraíba and Pernambuco is given, accompanied by records of geographical distribution based un museum specimens. A brief description of each species is accompanied by taxonomic comments. We recorded ten species of Didelphidae, sixteen species of Muridae, four species of Echimyidae, three species Caviidae and one species of the family Sciuridae.

Key words: Taxonomy, Small mammals, Didelphimorphia, Rodentia, geographical distribution, Paraíba, Pernambuco, Brazil.

INTRODUÇÃO

As primeiras informações sobre os mamíferos da região de Pernambuco e Paraíba foram comunicadas, ainda no século XVII, na obra do naturalista Georg Marcgraf, em 1648 (HERSHKOVITZ, 1987). As informações por ele coletadas foram divulgadas posteriormente por Linnaeus, nas 10^a e 12^a edições do *Sistema Naturae* (THOMAS, 1911), nas quais foram listadas cerca de 32 espécies de mamíferos da região. Desde então, até o século XX pouco se escreveu sobre os mamíferos do Nordeste brasileiro. Os numerosos naturalistas estrangeiros que exploraram o Brasil no século XIX não se detiveram em Paraíba ou Pernambuco.

No início do século XX Alphonse Robert, famoso coletor a serviço de Oldfield Thomas, do Museu Britânico, visitou Pernambuco. Ele trabalhou em São Lourenço da Mata, e entre o material coletado foram descritas três novas espécies de ratos (*Oryzomys oniscus*, *Cercomys laurentius* e *Oxymycterus angularis*) e uma de esquilo (*Sciurus alphonsei*) (THOMAS, 1904a; 1904b; 1909; 1903).

Em 1936 foram realizadas coletas no Nordeste do Brasil, incentivadas pelo Serviço Sanitário e comandadas pelo Dr. Antenor L. de Carvalho. MOOJEN (1943) publicou estes resultados, listando 26 espécies nativas, das quais 11 foram registradas para Paraíba e Pernambuco. Esta foi uma grande contribuição para o conhecimento dos mamíferos da região, incrementado posteriormente com informações da biologia das espécies (MOOJEN, 1952).

A partir da segunda metade do século XX o interesse pelo melhor conhecimento da fauna brasileira aumentou consideravelmente, e o Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, realizou duas importantes expedições na região Nordeste. A primeira delas, em 1952, foi realizada no estado de Alagoas (VIEIRA, 1953); a segunda, em 1957, alcançou os Estados da Paraíba e Pernambuco. O interessante material obtido está atualmente depositado no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Também a partir dos anos 50, com a instalação da sede do Serviço Nacional da Peste (SNP) na cidade de Recife, políticas de saúde pública incentivaram o estudo dos reservatórios naturais da peste, tornando-se necessário coletar intensamente os parasitas vetores (pulgas) e seus hospedeiros, os pequenos mamíferos. O material foi taxidermizado e as ricas coleções formadas, estimuladas pelo Dr. João Moojen, atingiram mais de 50.000 espécimes de todo o Nordeste, e encontram-se hoje no Museu Nacional da UFRJ (OLIVEIRA, *et al.* 2003).

Na década de 70, outro estudo extenso para inventariar os mamíferos do Nordeste concentrou-se nos arredores de Exú, Pernambuco, e Crato, Ceará. Foram registradas cerca de 80 espécies de mamíferos, incluindo Chiroptera, (MARES *et al.*, 1981; WILLIG, 1983; WILLIG e MARES, 1989).

De 1967 a 1971 realizaram-se pesquisas sobre a epidemiologia da

peste na região de Exú-Bodocó, no pé da chapada do Araripe (KARIMI *et al.*, 1976) Parte do material coletado deve encontrar-se no Museu de Paris. Ao final desta, um grupo de pesquisadores americanos financiados pela Academia Brasileira de Ciência também realizaram trabalhos nesta região (Mares *et al.*, 1981).

Em 1969 MELLO (1969) publicou a primeira lista dos roedores de Pernambuco baseada no rico material coletado pelo D.N.E.Ru. de Garanhuns, pelo Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães no Recife, pelo Plano Piloto de Pesquisas Sobre a Peste em Exú e em outras coletas na zona da Mata. O valor desta contribuição, ignorada por OLIVEIRA *et al.*, 2003, não esta somente em fornecer informações baseadas em coletas reais mas também em dar uma idéia sobre a distribuição das espécies de acordo com a regiões naturais do Estado.

Pesquisas epidemiológicas da peste na região de Pirauá, municípios de São Vicente Ferrer e Macaparana, PE, Natuba e Salgado de São Félix, PB, contribuíram entre 1981 e 1985, com valiosos espécimes à coleção de mamíferos do DSE na Universidade Federal da Paraíba.

Com o incremento da pesquisa científica no Nordeste do Brasil a partir da década de 80, especialmente com a criação das coleções científicas de mamíferos das Universidades Federais da Paraíba, coordenada pelo Prof. Alfredo Langguth, e de Pernambuco, coordenada pelo Prof. Deoclécio Guerra, e o estímulo aos estudos em citogenética de mamíferos, Professoras Vilna Maia e Maria José de Sousa da UFPE, grande volume de informações foi armazenado. A informação contida nessas ricas coleções, cerca de 8000 espécimes, foi muito pouco divulgada até hoje.

Pretendemos aqui estudar os mamíferos dos Estados da Paraíba e Pernambuco do ponto de vista da taxonomia e da distribuição geográfica. O trabalho baseia-se em espécimes depositados em coleções, registra as localidades de ocorrência e avalia a cobertura geográfica do esforço de coleta realizado até hoje para conhecer a mastofauna da região,.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido examinando espécimes das coleções de mamíferos do Departamento de Sistemática e Ecologia (DSE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MN), do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP), e do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As siglas MK-G e MK-S, referem-se ao catalogo de campo de Marcelo Lima Reis de Brasília, AX ao de Alfredo Ximenez, PMN refere-se ao Projeto Mamíferos do Nordeste coordenado por Vilna V. Maia.

Os cariótipos mencionados para cada espécie foram obtidos de exemplares provenientes de PB/PE indicando quando possível o numero de cole-

ção do exemplar estudado. Quando nenhuma fonte é citada os resultados foram obtidos pela equipe do segundo autor no Laboratório de Citogenética de Mamíferos do DSE na UFPB.

Foram tomadas as seguintes medidas do crânio expressas em milímetros, com paquímetro graduado em 0,1 mm, e em indivíduos com a dentição permanente funcional. As siglas entre parêntesis correspondem á figura explicativa de MUSSER *et al.* (1998:16). **CT** = Comprimento total do crânio (ONL), **CCI** = Comprimento condilo-incisivo, (medido entre o extremo posterior do condilo occipital e a cara anterior do incisivo), **CFI** = Comprimento do forame incisivo (LIF), **LFI** = Largura do forame incisivo (BIF), **CD** = Comprimento do diastema (LD), **LP** = Largura do palato (BBP), **CSM** = Comprimento da série molar (CLM1-3), **LZ** = Largura zigomática (ZB), **LI** = Largura interorbital (IB), **ACC** = Altura da caixa craniana (HBC), **LCC** = Largura da caixa craniana (medida na parede lateral curva da caixa craniana por cima do processo zigomático do temporal), **CIM** = Comprimento incisivo molar (medida da curvatura anterior do dente incisivo superior à borda posterior da coroa do M3).

As medidas externas, comprimento da cabeça e corpo (CC), comprimento da cauda (C), comprimento da orelha e do pé c/u, foram tomadas das etiquetas dos espécimes examinados, dos catálogos de campo, ou do livro de tomo da coleção e estão expressas em milímetros.

No texto e nas tabelas coloca-se para as medidas o valor da média \pm o erro padrão e o tamanho da amostra. Estas estão compostas por indivíduos de uma mesma localidade dentro da área de estudo.

A nomenclatura das aberturas palatinas dos marsupiais é a empregada por HERSHKOVITZ (1992: 17). Ver REIG (1977) por uma explicação da nomenclatura dos molares em Sigmodontinae.

A distribuição geográfica fora do Brasil foi baseada principalmente em WILSON e REEDER (1993), e no Brasil foi baseada nessa fonte e em diversos trabalhos mais recentes e específicos. A distribuição em Paraíba e Pernambuco baseia-se nos dados aqui publicados, e representa a provável distribuição nos dois Estados de acordo com o tipo de vegetação onde as espécies foram coletadas. Por Mata Atlântica entendemos a floresta úmida perenifólia, distribuída ao longo do litoral atlântico, que permanece verde todo o ano (ANDRADE-LIMA, 1961). Por Caatinga entendemos a floresta estacional caducifólia espinhosa, distribuída pelo interior dos estados, que perde suas folhas transformando-se em uma paisagem cinzenta na estação seca (ANDRADE-LIMA, 1961). Como Agreste entendemos a floresta estacional caducifólia (ANDRADE-LIMA, 1961), distribuída entre a Mata Atlântica e a Caatinga, facilmente distinguível da Mata Atlântica na estação seca, por perder as folhas, e confundida com esta na estação chuvosa. Por Brejos de Altitude entendemos a floresta estacional úmida perenifólia ou subperenifólia de altitude e posição (ANDRADE-LIMA, 1961), localizada na região semi-árida, que permanece verde todo o ano.

Se um local de coleta for desconhecido para os autores e não houver

informação disponível sobre o seu tipo de vegetação, a distribuição sugerida baseia-se naqueles pontos de coleta da espécie cuja vegetação nos é conhecida.

Espécies que ocorrem na Caatinga podem ser encontradas em áreas correspondentes à Mata Atlântica, abertas por ação antrópica. Isto não significa que ocorrem em floresta pluvial. O Agreste, está amplamente modificado por ação antrópica, evoluindo para áreas mais semelhantes com a Caatinga, perdendo as folhas durante a época seca, ou devido ao manejo dos recursos hídricos (açudes etc.) assemelhando-se mais a florestas pluviais.

Uma lista de localidades (gazetteer) é apresentada ao final do texto para disponibilizar os nomes completos dos locais de coleta (Loc.) que acompanham de forma abreviada (município ou região) os números de tombo na lista dos espécimes examinados. As coordenadas geográficas entre parêntese referem-se à sede dos Municípios e foram obtidas no *Gazetteer do United States Board on Geographic Names*, e aquelas precedidas da sigla GPS foram tomadas com este aparelho no local da coleta.

RESULTADOS

Aproximadamente 1473 espécimes constam das listas de espécimes examinados. Muitos mais foram estudados mas não listados por problema de espaço. Eles representam 10 espécies de marsupiais da família Didelphidae, e 25 espécies de roedores das famílias Muridae (17), Echimyidae (4), Caviidae(3) e Sciuridae (1).

A Figura 1 mostra o mapa da Paraíba e Pernambuco, incluindo os pontos de coleta de pelo menos um espécime examinado. Isto significa que, dependendo da espécie, a área amostrada pode ser bem menor. As localidades de coleta encontram-se principalmente na zona da mata e no Agreste e até agora foram dirigidas principalmente a unidades de conservação ou a áreas mais mésicas e de Brejos de Altitude, onde foram desenvolvidos programas de saúde pública. Ficaram assim enormes áreas de Caatinga de ambos Estados sem amostragens para pequenos mamíferos. No Sul da Mata Atlântica de Pernambuco e da Paraíba também foi feito pouco trabalho de coleta. O futuro trabalho de campo deveria levar em conta esta situação. Devido a este grande espaço sem amostragem evitamos fazer cálculos de riqueza de pequenos mamíferos por região natural pois esta seria provavelmente subestimada.

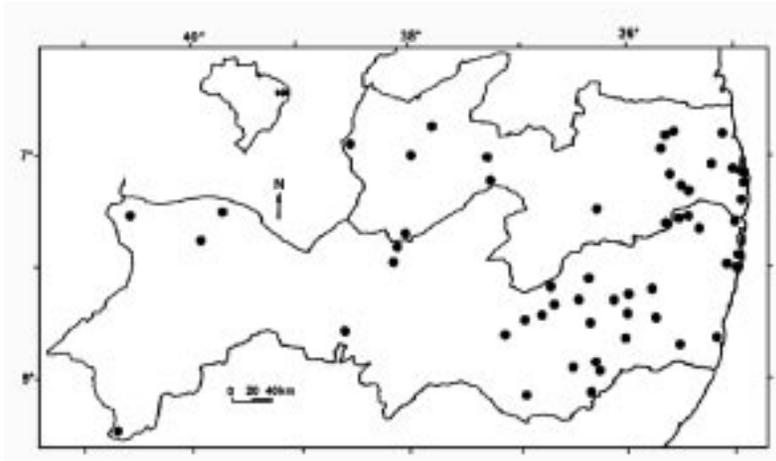


Figura 1 - Mapa da Paraíba e Pernambuco mostrando a distribuição do total de pontos de coleta.

As Espécies de Marsupiais da Paraíba e Pernambuco

Caluromys philander (Linnaeus, 1758) "Cuica-lanosa"

Localidade tipo: "América" (LINNAEUS, 1758, restrita ao Suriname por THOMAS, 1911).

Características: Espécie de tamanho médio ($CC = 196,1 \pm 3,02$ $n=9$; $C = 278,8 \pm 7,7$ $n=9$) cauda mais longa que cabeça e corpo. Orelha ($30,5 \pm 0,5$ $n=9$) grande se comparada com *Marmosa murina*, da mesma coloração que o dorso. Pelagem dorsal marrom avermelhada, lanosa, gradualmente mais clara nas laterais do corpo. Cabeça acinzentada do focinho à região posterior aos olhos, região periocular, de cor avermelhada e pouco nítida. Olhos grandes, de íris castanho claro. Uma linha escura entre os olhos bem nítida, estende-se do focinho ao topo da cabeça. Ventre de cor creme alaranjada nas regiões gular e inguinal, na região médio-ventral é creme acinzentada. Cauda bastante pilosa no 1/7 proximal, com pêlos cinza-avermelhados na parte dorsal, e cinza ou cinza alaranjado na parte ventral, no restante a cauda é nua de cor marrom-avermelhada a acinzentada, com manchas mais claras, presentes ou não, e escamas caudais bem distintas, distribuídas em espiral. Pé bem desenvolvido ($33,2 \pm 1,8$ $n=8$).

Crânio (Tabela 1) de tamanho intermediário, entre *Marmosa* e

Didelphis, rostro curto, caixa craniana desenvolvida, arredondada. Processo pós-orbital bem desenvolvido, projetando-se póstero-lateralmente, região interorbital larga, crista temporal presente, fracamente desenvolvida, convergindo para a linha média do crânio, crista sagital usualmente ausente, pouco desenvolvida em espécimes velhos (UFPB 2469). Escora da bula auditiva ausente, parte alisfenóide da bula auditiva semicônica. Aberturas palatinas mesolaterais presentes, reduzidas. Aberturas postero-laterais do palato presentes, aberturas laterais e postero-mediais ausentes.

Esta espécie diferencia-se facilmente dos demais didelfídeos da Paraíba e Pernambuco, pela ausência de máscara, pela linha escura entre os grandes olhos e pelo aspecto bastante lanoso da pelagem. O crânio possui processos pós-orbitais bem desenvolvidos e a caixa craniana é grande e abaulada. Nos espécimes jovens o crânio diferencia-se dos adultos das demais espécies menores de marsupiais pela caixa craniana proporcionalmente grande, alta, de forma abaulada, processo pós orbital ausente, aberturas palatinas ausentes ou pouco evidentes e dentição incompleta. O *Didelphis* jovem apresenta caixa craniana relativamente menor e o rosto mais longo e afilado.

Distribuição geográfica: Venezuela, Trinidad e Tobago, Guiana, Guiana Francesa, Suriname. No Brasil, habita na Mata Atlântica e no Cerrado. Em PB/PE foi registrada somente na Mata Atlântica.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **João Pessoa** Loc. 1 (UFPB 2380, 2381, 2385, 2391); Loc. 4 (2384); **Mamanguape** Loc. 1 (UFPB 2386, 3887, 3888, 3890); Loc. 8 (UFPB 3889); **Sapé** Loc. 1 (UFPB 2383). PERNAMBUCO: **Paulista** (UFPE 773); **Recife** Loc. 1 (UFPE 734); **São Lourenço da Mata** Loc. 1 (UFPB 2382, 2387); PERNAMBUCO: **Timbaúba** Loc. 1 (UFPB 5059).

Micoureus demerarae (Thomas, 1905)
"Cuíca-cinzenta"

Localidade tipo: Guiana, a leste de Demerara - oeste de Berbice (THOMAS, 1905).

Características: Espécie de tamanho médio, (CC= $154,6 \pm 4,3$ n=28; C= $222,7 \pm 4,7$ n=28) com cauda mais longa que cabeça e corpo. Orelha proporcionalmente grande ($27,3 \pm 0,4$ n=27) quando comparada com o tamanho da cabeça, colorida de marrom. Pelagem densa e lanosa, amarronzada e com tons alaranjados no dorso, mais alaranjado no flanco e na região lateral da cabeça até inserção do membro anterior. Cabeça cinza alaranjada, com tons laranja mais evidentes no focinho e região entre os olhos; região periocular de cor negra. Ventre de cor creme alaranjada, mais

evidente nas regiões gular e inguinal. Cauda bastante pilosa em cerca do seu 1/6 proximal, mas nua na parte restante, que é colorida de cinza amarronzado com partes manchadas de branco sujo, principalmente na parte terminal. Escamas caudais visíveis, distribuídas em espiral. Pé mediano ($26,2 \pm 2,2$ $n=15$).

Crânio (Tabela 1) de tamanho médio; rostró proporcionalmente longo; caixa craniana reduzida e baixa, o dorso no nível da região interorbital, se comparada a *Caluromys philander*; processo pós-orbital pouco desenvolvido, constituído por uma projeção da crista supraorbital, que é bem desenvolvida e ligeiramente divergente para atrás. Linha temporal pouco evidente nos indivíduos “subadultos”, aproximando-se da linha média. Crista sagital ausente; crista lambdóide presente; bula auditiva pequena; escora da bula auditiva ausente; aberturas palatinas mesolaterais e postero-laterais presentes, a primeira é pouco desenvolvida.

Exemplares de Mamanguape apresentaram um cariótipo com $2n= 14$, $NF= 20$ (UFPB 2410, 2415, 2419, 4941).

Micoureus demerarae não possui linha escura entre os olhos, como em *C. philander*, e a sua pelagem é menos lanosa e mais macia. Diferencia-se de *Marmosa murina* e *Gracilinanus agilis* por seu tamanho maior, e pela pelagem dorsal mais densa. O crânio de *M. demerarae* é menor que o de *Caluromys*, e a sua caixa craniana é proporcionalmente pequena; o processo pós-orbital é menor. Quando jovens, espécimes de *Caluromys* e *Micoureus* podem apresentar crânio de tamanho semelhantes, sendo, nesse caso, a caixa craniana mais alta e arredondada em *Caluromys*, o processo pós-orbital mais desenvolvido, e a fossa mesopterigóide mais larga.

Se comparado a *Marmosa murina*, o crânio do adulto de *M. demerarae* diferencia-se pelo seu tamanho maior, cristas supraorbitais quase paralelas, rostró mais robusto. Quando jovem *M. demerarae* apresenta o crânio de tamanho semelhante a *Marmosa murina* adulta, porém de aspecto mais afilado, processo pós-orbital ausente ou pouco desenvolvido, dentição incompleta e dentes maiores.

O nome correto desta espécie, freqüentemente citada como *Marmosa cinerea* ou *Micoureus cinereus* é *M. demerarae* como demonstrou GARDNER (1993).

Distribuição geográfica: Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Leste do Paraguai. No Brasil, ocupa as regiões de mata úmida entre a Ilha de Marajó e o Rio de Janeiro. Em PB/PE ocupa a Mata Atlântica.

Espécimes examinados: PARAÍBA: João Pessoa Loc. 1 (UFPB 5034, 2406, 2408, 2413-2414, 2417, 2421, 2422, 2424, 3905-3909, 4430); Mamanguape Loc. 1 (MK-G 30, 52, UFPB 5035, 5037 5038); Loc. 4 (UFPB 2415); Loc. 6 (UFPB 2418); Loc. 9 (UFPB 2419); Loc. 8 (UFPB 4104); Natuba

Loc. 1(UFPB 2420); **Sapé** Loc. 1 (UFPB 5036, 2416, 3973). PERNAMBUCO: **Cabo de Santo Agostinho** Loc. 1 (UFPE/PHA 898); **Igarassú** Loc. 1 (UFPB 3910, UFPE 1336); **Maraial** Loc. 1 (UFPE/PHA 21, 23, 28, 29); **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPE 817, 818); **São Lourenço da Mata** Loc. 1 (UFPB 2412, 2425); **Timbaúba** Loc. 1 (UFPB 5049, 5050); **Camaratuba** Loc. 1 (UFPB 5063).

Marmosa murina (Linnaeus, 1758)
"Cuíca-pequena"

Localidade tipo:, "Ásia, América" (LINNAEUS, 1758, restrita ao Suriname por THOMAS, 1911).

Características: tamanho pequeno, (CC= $122,2 \pm 2,5$ n=68; C= $175,7 \pm 2,6$ n=66) cauda mais longa que cabeça e corpo; orelha ($22,5 \pm 0,2$ n=64) da mesma coloração dorsal. A pelagem dorsal de *M. murina* é fina e suave (aveludada), pouco densa se comparada a *Micoureus demerarae* e *Caluromys philander*; coloração geral do dorso cinza a cinza amarronzada, uniforme. Cabeça do focinho ao topo entre acinzentado e creme; região escura periocular negra, bastante evidente, estende-se em direcção ao focinho; a bochecha é creme e a região abaixo da orelha alaranjada. Flanco ligeiramente alaranjado em alguns espécimes, em outros da mesma coloração dorsal. Região ventral com coloração creme limpo, creme-róseo, ou róseo (salmão); pêlos da região médio-ventral apresentam base cinza, conferindo tonalidade creme acinzentada em alguns espécimes. A cauda é marrom uniforme na parte dorsal e ventral, com escamas distribuídas em espiral. Pé de tamanho médio ($19,8 \pm 2$ n=12).

Crânio (Tabela 1)de tamanho intermédio entre *Gracilinanus agilis* e *Micoureus demerarae*, com rostro estreito em relação ao destas espécies; crista supra-orbital divergindo posteriormente; processo pós-orbital presente e pouco desenvolvido, crista temporal pouco desenvolvida; crista sagital ausente; palato com aberturas mesolaterais e póstero-laterais; escora da bula auditiva ausente.

O cariótipo de esta espécie apresenta $2n= 14$, $NF= 20$ (UFPB 2518, 2528, 2542)

M. murina pode ser confundida com *G. agilis*. Diferencia-se desta espécie pela coloração dorsal que é cinza amarronzada, mais escura em *M. murina*. Em *G. agilis*, a região entre os olhos é creme amarelado e contrasta com o topo da cabeça mais escuro. Em *M. murina* a região interocular é mais escura e menos contrastante. Em *G. agilis* a região ao redor da orelha é creme amarelado, no animal vivo quase alaranjado. *M. murina* tem a região escura periocular mais nítida. A cauda é pouco pilosa com escamas visíveis a olho nu, distribuídas em forma de anéis. O palato de *Marmosa murina* possui duas aberturas, e quatro em *G. agilis*.

O crânio de *M. murina* jovem assemelha-se ao de *G. agilis*, *Marmosops* e *Thylamys*. Entretanto, ela difere destes gêneros pelo rostro curto, caixa craniana alta e larga, crista supraorbital presente, região interorbital larga, presença de apenas duas aberturas palatinas e dentição incompleta. *Marmosops* apresenta rostro bem mais longo e estreito, crista supra-orbital ausente, escora da bula auditiva presente, aberturas póstero-mediais presentes; *Thylamys por outro lado* apresenta região interorbital estreita, crista supraorbital ausente, borda frontal arredondada e divergente, caixa craniana pequena e mais estreita; *G. agilis* tem região interorbital pouco larga, crista supraorbital presente e pouco divergente, caixa craniana pequena e baixa.

Distribuição geográfica: Colômbia, Venezuela, Trinidad Tobago, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Leste do Equador, Leste do Peru, Leste da Bolívia. No Brasil, ocorre na Amazônia, Cerrado, Pantanal e na Mata Atlântica (Fonseca *et al.*, 1996). Em PB/PE ocupa a Mata Atlântica e os Brejos de Altitude.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **Areia** Loc. 1 (UFPB 2527); **Conde** Loc. 1 (UFPB 4452, 4462); **João Pessoa** Loc. 1 (UFPB 2536, 2537, 2539, 2544, 4456); Loc. 3 (UFPB 2532, 2533); Loc. 4 (UFPB 4465); **Mamanguape** Loc. 1 (UFPB 3911-3943, 3945-3949, 3958-3960, 3978; MK-G 2, 3, 13, 49, 51); Loc. 5 (UFPB 2410, 2526, 2528, 2529, 2541, 2542); Loc. 8 (UFPB 4131, 4132, 4133); Loc. 9 (UFPB 2518, 2540, 2543); Loc. 10 (UFPB 4453, 4454, 4463, 4464, 4466); **Santa Rita** Loc. 1 (UFPB 3968; 4468); **Sapé** Loc. 1 (UFPB 2534, 4457, 4458); PERNAMBUCO: **Brejo da Madre de Deus** Loc. 1 (UFPB 4117, 4118, 4498, 4669, 4670, 4676, 4712); **Caruaru** Loc. 12 (UFPB 2560, 2597-2603, 2636, 2643, 2646, 2647, UFPE 1427); **Maraial** Loc. 1 (UFPE/PHA 18); **Garanhuns** Loc. 20, (MN 17164,17169); **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPE 887); **São Lourenço da Mata** Loc. 1 (UFPB 3911); Loc. 2 (UFPE 1081); **Timbaúba** Loc. 1 (UFPB 5048).

Thylamys velutinus (Wagner, 1842)
"cuíca-pequena-da-cauda-grossa"

Localidade tipo: Ipanema São Paulo, Brasil (WAGNER, 1842a).

Características: Espécie pequena (CC = 125 n=1; C = 80 n=1). Cauda menor que cabeça e corpo, grossa, geralmente com depósito de gordura. Orelha (23 n=1) de cor marrom claro uniforme, pouco mais escura que o dorso. Pelagem dorsal densa e bastante macia, colorida de marrom acinzentada do topo da cabeça à base da cauda. Região anterior da cabeça pouco mais clara que o topo. Região escura periorcular presente, estreita e pouco estendida em direção ao focinho. Região mediana do dorso pouco

mais escura do que os flancos. O ventre é branco limpo, com limite ventrolateral bastante nítido. A cauda possui pêlos pequenos e numerosos que encobrem as escamas que são bastante reduzidas, dorsalmente ela é marrom escuro e ventralmente despigmentada. Pé bastante pequeno (11 n=1), de cor branca.

O Crânio de *Thylamys velutinus* assemelha-se ao de *Gracilinanus agilis*. Diferencia-se deste por apresentar a região interorbital desprovida de processo pós-orbital e as bordas dos frontais arredondadas, convergentes anteriormente. A caixa craniana é bastante alta em relação ao frontal. As aberturas laterais e póstero-laterais do palato são bastante desenvolvidas.

T. velutinus é de acordo com MEYNARD *et al.* (2002) a espécie que ocorre na Caatinga e Cerrado do Brasil. *Marmosa karimii* Petter, 1968, localidade tipo Exú PE (PETTER, 1968), foi considerada dentro do gênero *Thylamys* por GARDNER (1993). Não encontramos no MZUSP exemplares de *Tylamys* coletados em Exú não podendo assim confirmar a identificação dos espécimes de *Marmosa karimii* mencionados por MARES *et al.* (1981).

Distribuição geográfica: No Brasil distribui-se pelo Brasil Central ao longo do Cerrado e da Caatinga (PALMA e YATES, 1998; MEYNARD *et al.*, 2002; BRAUN *et al.* 2005) e áreas próximas de Mata Atlântica degradada. Em PB/PE é conhecida da região de Exú, PE (PETTER, 1968) e de áreas abertas com vegetação de cerrado dentro da Mata Atlântica na Paraíba onde o exemplar examinado foi descoberto por Marcelo Lima Reis. Provavelmente seja uma população relictual de épocas mais secas.

Espécimes examinados: PARAÍBA: Mamanguape Loc. 1 (MK-G 1).

Gracilinanus agilis (Burmeister, 1854)
"Cuíca-pequena"

Localidade Tipo: Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil (BURMEISTER, 1854).

Características: espécie pequena (CC = $91,9 \pm 4,0$ n=12; C = $121,1 \pm 6,0$ n=12) cauda mais longa que cabeça e corpo. Orelhas grandes ($18,9 \pm 0,7$ n=12) em relação ao tamanho da cabeça. Pelagem fina e suave, pouco densa, coloração dorsal de cinza-amarronzada uniforme a cinza alaranjado, do topo da cabeça à inserção caudal. Região peri-auricular e focinho creme amarelado ou, *in vivo*, alaranjado. Ventre de creme a creme amarelado, uniforme. Cauda uniformemente colorida de marrom acinzentada no dorso, e clara na parte ventral, com pêlos curtos e escamas caudais pequenas com distribuição anular. Pé pequeno ($15,5 \pm 1,7$ n=4).

Crânio (Tabela 1) pequeno, se comparado a *Marmosa murina*, rostro

curto, região interorbital estreita, processo pós-orbital pouco desenvolvido ou ausente, constituído por pequena projeção da crista supraorbital. Crista temporal pouco desenvolvida, caixa craniana alta e arredondada, principalmente em indivíduos mais jovens, crista sagital ausente, crista lambdóide presente. Palato curto, com aberturas laterais, mesolaterais, posteromediais e pósterolaterais presentes. Dentes pequenos, série molar curta e dentes premolares pouco robustos se comparados a *M. Murina*. Fossa mesoptergóide estreita, escora da bula auditiva presente.

G. agilis assemelha-se a *G. microtarsus*. Este último que não ocorre em PE/PB apresenta dorso marrom mais avermelhado e ventre mais alaranjado, cabeça com dorso nitidamente mais claro que restante do corpo, mancha escura ao redor do olho bastante evidente, região gular mais alaranjada que restante do ventre, cauda marrom dorsal e ventralmente. O crânio de *G. microtarsus* possui borda do frontal mais arredondada e processo pós-orbital ausente. O crânio de *G. agilis* assemelha-se ao de *T. velutinus*, este diferencia-se por possuir crânio sem crista supraorbital, região interorbital mais estreita e caixa craniana muito mais alta que a região frontal.

Três espécimes de *G. agilis* capturados em área degradada de Mata Atlântica na Paraíba apresentam tamanho menor. O crânio destes espécimes também é pequeno se comparado com indivíduos capturados em Brejos de Altitude de Pernambuco. Embora sejam adultos as bordas do frontal são arredondadas e quase paralelas.

A aproximadamente 40 Km ao NE do local de coleta do exemplar de Exú (UFPB 4677) encontra-se a localidade tipo de *Gracilinanus agricolai* (MOOJEN, 1943), espécie que segundo GARDNER e CREIGHTON (1989) é sinônimo de *G. emiliae*, a espécie amazônica. HERSHKOVITZ (1992), todavia, acha que *G. agricolai* pode ser uma subespécie de *G. microtarsus*. O holótipo de *G. agricolai* diferencia-se do exemplar de Exú (UFPB 4677) pelo tamanho menor, região interorbitária arredondada. A cabeça tem apenas uma fina máscara nos olhos. A região clara interocular da frente está mais estendida para atrás que no exemplar 4677 sendo o limite com a região dorsal mais nítido. Esta última região possui pêlos mais longos.

Distribuição geográfica: Leste do Peru e da Bolívia, Paraguai, Uruguai e adjacências da Argentina. No Brasil, nas áreas abertas das regiões Nordeste e central do país. Em PB/PE foi capturada em áreas abertas na região de Mata Atlântica e em Brejos de Altitude.

Exemplares desta espécie das proximidades da Barragem de Itaparica, BA e de Canindé do São Francisco, SE foram examinados na coleção de mamíferos da UFPE. TATE (1933) sugeriu a ocorrência de *G. agilis* nas áreas abertas desde o Chaco Paraguai ao Nordeste do Brasil, reconhecendo nesta enorme área três subespécies, *agilis*, *beatrici* e *chacoensis*. HERSHKOVITZ (1992) reconhece 3 espécies nesta área de distribuição. Na região Nordeste indica a ocorrência de *G. agilis* (*G. beatrix* seria um sinônimo) e *G. emiliae*,

esta última com distribuição mais ao norte. GARDNER (1993) estendeu a distribuição de *G. emiliae* até a Chapada do Araripe, CE ao considerar *G. agricolai* um sinônimo de *G. emiliae*.

Espécimes examinados. PARAÍBA: **Alhandra** Loc. 1 (UFPB 4684, 4685, 4686); **Pitimbu** Loc. 1 (UFPE 882). PERNAMBUCO: **Bezerros** Loc. 1 (UFPB 4045); **Bodocó** Loc. 5 (MN 28995); **Caruaru** Loc. 3 (MN 30387); **Exú** Loc. 8 (UFPB 4677); **Garanhuns** (MN 17162); Loc. 17 (MN 17163); Loc. 18 (MN 17168); Loc. 19 (MN 27346); **Inajá** Loc. 1 (UFPE 549, 675, 676); **Pesqueira** Loc. 3 (MN 17165, 27942); **Petrolândia** Loc. 1 (UFPE 1154, 1155, 1157, 1175); **Recife** Loc. 1 (MN 8198).

Didelphis albiventris Lund, 1840
"Cassaco, gambá, timbú"

Localidade tipo: Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil (LUND, 1840).

Esta é uma das três espécies reconhecidas por LEMOS e CERQUEIRA (2002) no grupo de *Didelphis* de orelhas brancas

Características: Marsupial de tamanho grande (CC = 298,4±3,0 n=85; C = 315,3±2,6 n=84) cauda maior que cabeça e corpo. Orelha grande (58,6±0,5 n=83), com extremidade branca. A cabeça possui duas faixas claras evidenciadas pela presença da região escura periocular, que se estende por diante e por trás do olho, e por uma faixa negra que se estende no meio da cabeça dos olhos à nuca, mais larga posteriormente. A pelagem dorsal é longa, com um padrão grisalho de coloração (77% dos adultos), caracterizado pela presença de longos pêlos brancos que se sobressaem em relação aos pêlos menores, estes são negros na parte terminal e creme na base. Região lateral do corpo mais clara, ventre creme claro, às vezes alaranjado na região inguinal e na região entre os membros anteriores e a parte gular. Os membros anteriores e posteriores são negros. Pé grande (40,6 ± 4,4 n=10) e negro. A cauda é negra em cerca da metade proximal, branca na metade distal, pêlos longos presentes no 1/3 proximal, de mesma coloração do dorso.

O crânio (Tabela 1) é de tamanho grande, caixa craniana pouco desenvolvida, processo pós-orbital do osso frontal presente, as cristas temporais unem-se na altura da constrição pós-orbital para formar a crista sagital, que é bem desenvolvida, crista lambdóide presente. Palato longo, com aberturas mesolaterais, póstero-laterais e póstero-mediais presentes. Bula auditiva proporcionalmente pequena, processo mastóide bem desenvolvida. Região posterior da fossa mesopterigóide estreita, escora da bula auditiva presente, frequentemente danificada na limpeza do crânio. Segundo R. Cerqueira

e C. J. Tribe (Genus *Didelphis*, In: Mammals of South America, No prelo), o extremo posterior do osso jugal se estende somente por baixo do processo zigomático do esquamosal. O osso petroso é cônico. As fenestras coclear e vestibular e o forame primitivo estão dispostos em arco.

D. albiventris é semelhante a *D. aurita*, mas diferencia-se pela coloração do pavilhão da orelha, que é negra nesta última espécie. Os demais caracteres externos são bastante semelhantes e variáveis. Cerca de 23% dos adultos de *D. albiventris* apresenta dorso escuro, com os longos pêlos brancos ausentes assemelhando-se a *D. aurita*. Espécimes jovens apresentam mesmo padrão geral de coloração dos adultos, mas cerca de 35% tem dorso escuro.

O crânio de espécimes jovens de *D. albiventris* assemelha-se ao de *Metachirus nudicaudatus* e *Philander opossum*, diferenciando-se de *M. nudicaudatus* por apresentar caixa craniana proporcionalmente maior, arredondada, região interorbital alta, largura zigomática menor, processo pós-orbital presente, aberturas mesolateral e póstero-medial do palato presentes e dentição incompleta. *P. opossum* adulto possui rostro mais longo e estreito que jovens de *D. albiventris*, largura zigomática maior e dentição completa.

Distribuição geográfica: Bolívia, Paraguai, Uruguai, Norte da Argentina. No Brasil distribui-se amplamente do Sul ao Nordeste incluindo a região central do País (CERQUEIRA, 1985; LEMOS e CERQUEIRA, 2002). Em PB/PE esta espécie ocorre tanto na Mata Atlântica como na Caatinga Agreste e Brejos.

Espécimes examinados. PARAÍBA: **João Pessoa** (UFPB - SR 12, 14); **Mamanguape** (UFPB 2393); Loc. 2 (MZUSP 8452); **Princesa Isabel** Loc. 1 (MN 23578, 23579, 23582); Loc. 2 (MN 23860, 23863, 22859, 22861, 22862, 23692, 23568, 23574, 23577, 46523); **Teixeira** Pico do Jabre (UFPB - FSL 2, 6; GN 8); PERNAMBUCO: **Araripina** Loc. 1 (MN 17222); **Bezerros** Loc. 1 (UFPB 4044); **Bodocó** (MN 17217, 23563, 23683, 23684, 23685); Loc. 1 (MN 17230, 17266); Loc. 2 (MN 30156); Loc. 3 (MN 23566); Loc. 4 (MN 23562); **Bom Conselho** (MN 23695); Loc. 1 (MN 23586); Loc. 2 (MN 23589); **Caruaru** Loc. 1 (MN 25523, 25733, 25734); Loc. 2 (MN 25549); Loc. 12 (UFPB 2399, 2400, 2620, 2622, 2624-2626, 2629-2632, 2637, 2641); **Exú** (UFPB 4678, 4711; MZUSP 16534, 16539, MN 17229); Loc. 1 (MN 23564, 23565); Loc. 4 (MZUSP 16528; 16537, 16535); Loc. 6 (MZUSP 16533; 16538; 16536; 16542); Loc. 8 (MZUSP 16540); **Garanhuns** (MN 17219, 23652); Loc. 1 (MN 23552); Loc. 2 (MN 23553); Loc. 3 (MN 23554); Loc. 4 (MN 23555); Loc. 5 (MN 23556, 23647); Loc. 6 (MN 17240, 23687); Loc. 7 (MN 17228, 23669); Loc. 8 (MN 17221); Loc. 9 (MN 17218); Loc. 10 (MN 23558); Loc. 11 (MN 23559); Loc. 12 (MN 23561); Loc. 13 (MN 23557); Loc. 14 (MN 23653); Loc. 15 (MN 30039); Loc. 16 (MN 30040); **Maraial** Loc. 1 (UFPE/PHA 22); **Paulista** (UFPE 774, 775); **Pedra** (MN 17239);

Pesqueira Loc. 1 (MN 23587, 23588); Loc. 2 (MN 30049); **Poção** (MN 1502); **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPE 413, 467, 773); **Triunfo** Loc. 1 (MN 23567); Loc. 2 (MN 22871); Loc. 3 (MN 22870); Loc. 4 (MN 22866, 22867); Loc. 5 (MN 22864, 22865, 27753); Loc. 6 (MN 22858); Loc. 7 (MN 22857); Loc. 8 (MN 23580, 23581); Loc. 9 (MN 23573); Loc. 10 (MN 23570); Loc. 11 (MN 23572); Loc. 12 (MN 23569); Loc. 13 (MN 27740); **Timbaúba** Loc. 1 (UFPB 5046).

Didelphis aurita Wied, 1826
"Timbú-de-orelha-preta"

Localidade tipo: Vila Viçosa, Bahia, Brasil (WIED, 1826).

Características: Espécie de tamanho grande (CC = 333,5 n=2; C = 372,5 n=2) cauda maior que cabeça e corpo. Orelha grande (49 n=2), nua e de cor negra; faixa negra no meio da face bem evidente. A cor da pelagem dorsal varia de negra a pouco grisalha, região do flanco enegrecida, ventre creme. A cauda longa é pouco pilosa, com a região proximal negra e a distal branca; a parte negra é geralmente menor que a branca. Pé longo (59 n=1).

O crânio desta espécie é semelhante ao de *D. albiventris*, salvo no osso jugal que no extremo posterior se estende por baixo e por cima do processo zigomático do esquamosal. As fenestras coclear e vestibular e o forame primitivo não estão dispostos em arco.

Esta espécie assemelha-se a *D. albiventris*, com a qual pode ser simpátrica. Diferencia-se pela cor negra da orelha; coloração dorsal mais enegrecida na região da linha media do dorso até a cauda. No crânio elas se diferenciam na forma do osso jugal.

Esta espécie foi freqüentemente chamada de *D. marsupialis* (HERSHKOVITZ, 1969). *D. aurita* e *D. marsupialis* ocupam uma distribuição geográfica disjunta e a análise morfométrica de CERQUEIRA e LEMOS 2000 não mostrou diferenças significativas. Estes autores as consideram espécies diferentes, embora não acharam caracteres morfológicos qualitativos que as diferenciasssem.

Distribuição geográfica: Norte da Argentina, sudeste do Paraguai. No Brasil ocorre na região Leste, na Mata Atlântica. CERQUEIRA (1985) definiu Sul de Alagoas como o extremo Norte da sua distribuição no litoral do Brasil, mas ela ocorre até Igarassú, em Pernambuco.

Espécimes examinados: PERNAMBUCO: **Igarassú** Loc. 1 (UFPB 1978); **Maraial** Loc. 1 (UFPE/PHA 16, 24); **Rio Formoso** Loc.1 (UFPE 905).

Monodelphis americana (Müller, 1776)
"Rato-cachorro-de-três-listras"

Localidade tipo: Brasil (MÜLLER, 1776, restrita a Pernambuco por CABRERA, 1958).

Características: Espécie de tamanho pequeno, (CC = $104,7 \pm 10,3$ n=4; C = $50,2 \pm 4,6$ n=4) cauda menor que cabeça e corpo. Orelha ($14,5 \pm 1,5$ n=4) pequena em relação a *M. domestica*. Pelagem dorsal de cor marrom amarelada a acinzentada, tornando-se marrom avermelhado no terço posterior do corpo e dorso dos membros posteriores. Cabeça de cor marrom amarelada a marrom avermelhada. Três listras negras longitudinais sobre o dorso, bem evidentes, a listra central é mais larga e estende-se do focinho à base da cauda, as laterais da região escapular à base da cauda, mais estreitas que a central. Ventre de cor cinza amarelado a marrom avermelhado, gradativamente mais claro da região gular ao mento. Cauda pouco pilosa, quase nua, de cor mais escura no dorso, e marrom clara no ventre. Pé pequeno ($15,6 \pm 1,6$ n=5).

Crânio (Tabela 1) de tamanho pequeno, caixa craniana proporcionalmente pequena, rostro afilado, região interorbital larga, processo pós-orbital ausente, bordas do frontal arredondadas, paralelas ou pouco convergentes posteriormente, crista sagital ausente, crista lambdóide presente. Palato estreito, com aberturas mesolaterais e póstero-laterais presentes, bula auditiva desenvolvida, escora da bula presente.

O cariótipo de um exemplar de João Pessoa (UFPB 413) mostrou $2n=18$, $NF=22$ (LANGGUTH e LIMA, 1988).

Monodelphis americana e *M. domestica* podem ocorrer em sinpatría na Paraíba e Pernambuco. Diferenciam-se dos demais didelídeos por possuírem cauda menor que cabeça e corpo. *Monodelphis americana* tem 3 listras dorsais escuras, tamanho menor e o crânio pequeno com a escora da bula auditiva sempre presente e crista sagital ausente. Adultos de *M. americana* e jovens de *M. domestica* possuem crânios semelhantes, com ausência de crista sagital e tamanho pequeno. Jovens de *M. domestica* diferenciam-se pela crista lambdóide pouco desenvolvida, denteição incompleta (P^{3-3} definitivos ausentes e M^{4-4} não completamente emersos) e largura da fossa mesoptergóide maior.

Um espécime de *M. americana* de Brejo da Madre de Deus (PE) apresenta crânio com aberturas palatinas laterais e póstero-mediais pequenas bem como dentes incisivos superiores não arqueados. Estas características não foram encontradas nos demais espécimes examinados.

Distribuição geográfica: No Brasil, regiões central e leste, do Pará a Santa Catarina. Em PB/PE ocupa a Mata Atlântica e Brejos de Altitude.

Espécimes examinados: PARAÍBA: Loc. 1 (UFPB 413); Mamanguape

(UFPB 3965, 3966); PERNAMBUCO: **Brejo da Madre de Deus** Loc. 1 (UFPB 4105, 4116); **Caruaru** Loc. 12 (UFPB 2635, MZUSP 24544); **Igarassú** (UFPB 1908); **Maraial** Loc. 1 (UFPE/PHA 19); **Recife** Loc. 3 (UFPE 1242).

Monodelphis domestica (Wagner, 1842)
"Rato-cachorro"

Localidade tipo: Cuiabá, Mato Grosso, Brasil (WAGNER, 1842a).

Características: Espécie maior que *M. americana* (CC = 157,1±1,2 n=220; C= 93,4±0,6 n=219) cauda mais curta que cabeça e corpo. Orelha (23,1±0,2 n=220) grande em relação a *M. americana*, da mesma coloração do dorso. Coloração dorsal varia de cinza amarelada a cinza escura, mais amarelada na lateral do corpo. Cabeça de mesma cor do dorso, embora mais clara nas regiões infra-ocular e labial. Ventre de cor cinza amarelada a cinza róseo, com pêlos mais claros na região interna dos membros anteriores e no pescoço, região ventral da cabeça com pêlos curtos. Cauda com dorso marrom escuro, mais clara ventralmente. Pé (22 ± 1,9 n= 12) de cor mais clara que a do corpo.

Crânio (Tabela 1) grande em relação a *M. americana*, região interorbital larga, constrição pós-orbital acentuada, processo pós-orbital ausente, crista supra-orbital pouco desenvolvida, às vezes ausente, une-se com a do lado oposto para formar a crista sagital na altura da constrição pós-orbital, crista lambdóide desenvolvida, borda do frontal lisa, convergente posteriormente, caixa craniana baixa. Aberturas mesolaterais e póstero-laterais do palato presentes, escora da bula auditiva ausente.

Esta espécie é maior do que *M. americana*, possui coloração dorsal cinza ou cinza amarelada, mais amarelada na região do flanco, e não tem as listras negras dorsais. Ver mais comparações baixo *M. americana*.

Distribuição geográfica: Bolívia, Paraguai. No Brasil distribui-se nas regiões Nordeste e Central, e em áreas isoladas na Serra dos Carajás e Ilha de Marajó (GOMES, 1991; GARDNER, 1993; EMMONS e FEER, 1997). Em PB/PE distribui-se pela Caatinga, Brejos de Altitude, Agreste e Mata Atlântica.

Espécimes examinados. PARÁIBA: **Areia** Loc. 1 (UFPB 2497, 2498); **Borborema** Loc. 1 (UFPB 2452); **Conde** Loc. 1 (UFPB 2491); **João Pessoa** (UFPB 1962; 1963, 2500, 2503, 2508, 2512, 2550, 3901, 3902); **Natuba** Loc. 1 (UFPB 2506); Loc. 4 (UFPB 2501); **Salgado de São Félix** Loc. 4 (UFPB 2514; 2515); Loc. 5 (UFPB 2502); **Sapé** Loc. 1 (UFPB 2493); **Princesa Isabel** Loc. 1 (MN 23578, 23579, 23582); Loc. 2 (MN 23860, 23863, 22859, 22861, 22862, 23692, 23568, 23574, 23577, 46523); Loc. 3 (MN 16298, 16335, 16386, 16926, 16934); Loc. 4 (MN 16881, 17141); Loc. 5 (MN 16338, 16379); Loc. 6 (MN

16306, 16315); Loc. 7 (MN 16729, 16830); Loc. 8 (MN 16385); Loc. 9 (MN 16379, 17148); Loc. 10 (MN 16329); Loc. 11 (MN 16361); Loc. 12 (MN 16363); PERNAMBUCO: **Caruaru** (UFPB 2635, 2571, 2606, 2614, 2621, 2627, 2634, 2642, 2644); **Bezerros** (UFPB 4040, 4046, 4068, 4069, 4070); **Bom Conselho** Loc. 11, (MZUSP 11699, 11700); **Brejo da Madre de Deus** Loc. 2 (UFPE 1093); **Exú** (MZUSP 16615, 16617, 16618, 20589, 20590, 20593, 20594, 20595, 20596, 20598, 20599); Loc. 6 (MZUSP 16611, 16612, 16616, 16620, 16625); Loc. 5 (MZUSP 16622, 16623); Loc. 4 (MZUSP 16619, 16621, 20591, 20592, 20597, 20600); **Inajá**, Loc. 1 (UFPE 692); **Maraial** Loc. 1 (UFPE/PHA 12, 14, 27); **Pedra** Loc. 2 (MN 17003); **Pesqueira** Loc. 4 (MN 16655); Loc. 5 (MN 16359); Loc. 6 (MN 16688, 16702); Loc. 7 (MN 16721); Loc. 8 (MN 16901); Loc. 9 (MN 16908); Loc. 10 (MN 16945, 16949); Loc. 11 (MN 16656); Loc. 12 (MN 16697); Loc. 13 (MN 16946, 16947); Loc. 14 (MN 16321); Loc. 15 (MN 16339); **Petrolândia** Loc. 2 (UFPE 1133, 1140, 1154); **São Lourenço da Mata** Loc. 2 (UFPB 4714); **Serra Talhada** Loc. 1 (MZUSP 16613, 16614); **Sertânia** Loc. 1 (UFPE 777); Loc. 2 (UFPE 114); Loc. 3 (UFPE 762).

Metachirus nudicaudatus (Geoffroy, 1803)
 “Cuica-de-quatro-olhos”

Localidade tipo: Cayenne, Guiana Francesa (GEOFFROY, 1803).

A validade da obra de GEOFFROY (1803) é questionada por GARDNER (1993), quem atribui o nome *nudicaudatus* a DESMAREST (1917). Todavia, a análise do problema feita por HERSHKOVITZ (1955) não deixa dúvidas que o nome correto é *nudicaudatus* de GEOFFROY (1803).

Características: Espécie de tamanho médio a grande (CC= 240 n=1; C= 345 n=1) cauda mais longa que cabeça e corpo. Coloração geral marrom amarelado, mais escuro na linha média do dorso, mais alaranjado no flanco. Orelhas grandes, (36 n=1) escuras, cobertas de poucos pêlos, da mesma coloração do dorso. Cabeça com região escura que vai da altura dos olhos até a nuca. A região escura periocular estende-se mais por diante do que por detrás do olho. Mancha redonda de cor creme a creme alaranjada acima do olho. Bochecha e base da orelha alaranjada. Ventre cor creme amarelada, às vezes alaranjado no pescoço. Na base a cauda é pilosa no dorso e sem pêlos no lado ventral, o restante é marrom escuro até cerca da metade proximal, e na metade distal é de cor creme a branco sujo com manchas escuras distribuídas irregularmente. O lado ventral da cauda é mais claro,. Pé grande (45 n=1). Mãos e pés com membrana interdigital curta, bem desenvolvida somente entre os dígitos I e II do pé.

Crânio (Tabela 1) de tamanho médio, rosto longo, processo pós-orbital ausente, crista supra-orbital pouco desenvolvida ou ausente, região interorbital larga, deprimida no centro, constricção pós-orbital pouco acentua-

da. Cristas temporais convergem até atingir o occipital, pequena crista sagital no occipital, crista lambdóide bastante desenvolvida. Palato longo com aberturas mesolaterais proporcionalmente pequenas, aberturas póstero-laterais presentes, fossa mesoptergóide larga. A bula auditiva está reduzida, com escora bastante desenvolvida.

M. nudicaudatus possui duas manchas claras acima dos olhos dando a aparência de quatro olhos. Neste carácter assemelha-se a *Philander opossum*. Deste último, que não ocorre na área estudada, diferencia-se pelo padrão de colorido. *P. opossum* possui pelagem mais densa, grisalha e manchas mais nítidas acima dos olhos. A sua cauda apresenta a metade proximal negra dorsal e ventralmente, a outra metade é branca com uma linha bem definida no limite do negro para o branco, a base da cauda é pilosa por baixo.

O Crânio de *Metachirus* adulto também assemelha-se ao crânio de *Philander*. Entretanto, este último apresenta aberturas póstero-mediais no palato, processo pós-orbital desenvolvido e região interorbital alta.

Tabela 1 - Medidas do crânio de Didelphidae de PB/PE (Ver p.22 para explicação das medidas).

Especies	CT	CIM	LI	LZ	LCC	CSM
<i>Caluromys philander</i>	47,2±0,5 n=9	22,9±0,2 n=10	9,0±0,1 n=10	27,3±0,3 n=10	18,0±0,1 n=9	8,4±0,1 n=10
<i>Marmosa murina</i>	34,3±0,2 n=68	16,7±0,1 n=69	6,6±0,1 n=69	18,3±0,1 n=67	12,8±0,0 n=68	6,7±0,0 n=69
<i>Gracilinanus agilis</i>	26,4±0,7 n=9	12,5±0,3 n=9	4,2±0,1 n=9	14,5±0,5 n=9	10,1±0,4 n=9	5,1±0,1 n=9
<i>Micoureus demerarae</i>	41,1±0,6 n=27	21,0±0,3 n=26	7,0±0,1 n=28	22,3±0,4 n=24	14,3±0,1 n=28	8,5±0,1
<i>Monodelphis americana</i>	27,3±2,3 n=4	14,6±0,5 n=4	5,8±0,6 n=4	14,9±0,9 n=4	10,3±0,2 n=4	5,7±0,1 n=4
<i>Monodelphis domestica</i>	39,2±0,2 n=154	20,6±0,1 n=166	5,8±0,0 n=171	21,4±0,1 n=156	13,1±0,1 n=163	7,8±0,03 n=169
<i>Didelphis albiventris</i>	74,5±0,6 n=83	40,9±0,2 n=79	9,0±0,4 n=91	39,7±0,4 n=89	21,04±0,2 n=85	14,8±0,1 n=78
<i>Metachirus nudicaudatus</i>	56,5±0,5 n=2	30,3±0,3 n=3	8,9±0,2 n=3	29,4±0,7 n=3	16,4±0,6 n=3	11,2±0,1 n=3

Distribuição geográfica: da Nicarágua até o Paraguai e Norte da Argentina. No Brasil, distribui-se pela Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado e Pantanal (FONSECA *et al.* 1996). Em PB/PE ocorre na Mata Atlântica de Pernambuco.

Espécimes examinados: PERNAMBUCO: **Maraial** Loc. 1 (UFPE/PHA 10, 11, 17); **Recife** Loc. 2 (MN 8200, 8201, 8281, UFPE 784); **São Lourenço da Mata** Loc. 1 (UFPE 904); **Timbaúba** Loc. 1 (UFPB 5054, 5061).

As Espécies de Pequenos Roedores da Paraíba e Pernambuco

Família Muridae, Subfamília Sigmodontinae

Akodon aff. cursor (Winge, 1887) "Rato-catita"

Localidade tipo de *A. cursor*: Rio das Velhas, Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil (WINGE, 1887).

Características: Espécie de tamanho pequeno (CC= $110,7 \pm 1,0$ n=88; C= $93,7 \pm 1,0$ n=88) cauda curta, sempre menor que cabeça e corpo. Orelha ($17,6 \pm 0,2$ n=89) pequena, com pêlos finos, da mesma coloração do dorso. Pelagem dorsal densa, longa e suave, colorida de marrom pouco amarelada a marrom avermelhada, mais clara nas laterais do corpo. Coloração ventral geralmente cinza amarelado, sem linha definida entre o flanco e o ventre. Cauda pouco pilosa, escamas visíveis, sem tufo de pêlos na ponta, enegrecida dorsalmente, pouco mais clara ventralmente. Pé de tamanho médio ($25,6 \pm 0,7$ n=15).

Crânio (Tabela 2) de tamanho médio; perfil dorsal plano ou ligeiramente côncavo. Rostro alongado, nasal ultrapassa o plano anterior dos incisivos. Região interorbital proporcionalmente larga, plana, de bordas arredondadas sem crista supra-orbital, crista temporal presente; caixa craniana desenvolvida, da mesma altura da região interorbital. Arco zigomático pouco expandido, de lados quase paralelos, placa zigomática relativamente estreita, ângulo superior da placa zigomática arredondado, não projetado anteriormente em vista dorsal. Forame incisivo longo, mais largo posteriormente, atinge a lâmina anterior do M¹. Palato largo e curto. Fossa mesoptergóide e parapterigóide largas, a primeira atinge a altura da lâmina posterior do M³. Aberturas esfenopalatinas bastante reduzidas ou ausentes. Bula auditiva desenvolvida.

Incisivos geralmente opistodontes; séries molares paralelas. Primei-

ro molar superior, com flexo antero mediano presente, anterolobo reduzido, une-se parcialmente ao cónulo anterolabial, anteroflexo ausente, paraflexo bem desenvolvido, mesoflexo reduzido, mesolobo reduzido ou parcialmente unido ao paracone formando um paralofulo, posterolobo pouco desenvolvido, proflexo e hipoflexo desenvolvidos.

Akodon aff. cursor assemelha-se bastante a *Necromys lasiurus*. Diferencia-se deste em poucos caracteres externos e cranianos (ver *N. lasiurus*). *Akodon aff. cursor* é difícil de distinguir de *A. montensis*, da qual se diferencia somente pelo cariótipo, $2n=24$ em *A. montensis* e $2n=16$ em *A. aff. cursor*. Elas podem ser consideradas espécies crípticas.

Os exemplares coletados entre Ilhéus, BA, e Paraíba possuem sempre $2n=16$ enquanto que ao sul de Ilhéus até o Paraná e na localidade tipo encontra-se uma forma de $2n=14$ ou 15 (FAGUNDES *et al.*, 1998). Recentemente foi descoberta no Paraná uma população espacialmente restrita que também possui $2n=16$ (SBALQUEIRO *et al.* 1996). Ela está isolada das populações do Nordeste por uma distância de aproximadamente 2000 Km sem registro da forma de $2n=16$. O cariótipo $2n=16$ no Paraná deve ter se originado num evento evolutivo independente da forma do Nordeste. Consideramos assim que as populações $2n=16$ do Nordeste e as de $2n=14$ do resto do País constituem espécies irmãs, e ante a impossibilidade de caracterizá-las morfológicamente para formalizar sua descrição, chamamos *A. cursor* a forma que ocorre na localidade tipo desta espécie com $2n=14$ e 15 e *A. aff. cursor* a forma do Nordeste do Brasil com $2n=16$ (RIEGER *et al.* 1995).

Distribuição geográfica: Mata Atlântica do Nordeste do Brasil. Em PB/PE distribui-se na Mata Atlântica e em alguns Brejos de Altitude.

Espécimes examinados. PARAÍBA: **Areia** Loc. 1 (UFPB 130, 132; MZUSP 24141, 24142, 24143, 24144); **Conde** Loc. 1 (UFPB 4384); **Mamanguape** Loc. 1 (MK – G 6, 8, 12, 27, 28, 29, 34, 35; MZUSP 8423, 8425, 8426, 8429, 8430, 8431, 8433, 8436, 8438); **Sapé** Loc. 1 (UFPB 163, 1027, 1032, 1033, 3544, 3446, 3466, 4337, 4356, 4360, 4364, 4369, 4439); **Serraria** (UFPB 145, 147, 149); PERNAMBUCO: **Bom Conselho** (MN 19011, 19012, 18929, 18937, 18939); **Brejo da Madre de Deus** Loc. 2 (UFPB 4805, 4806, 4808-4811, 4813-4815, UFPE 1096, 1097); **Caruaru** Loc. 12 (UFPB 153-157, 2633, 4481, MN 12956, 12964, 18853 - 18856); **Garanhuns** (MN 14430, 18930, 18938, 19008 - 19010, 19013, 19014, 19016, 19031 - 19033, 19035, 19036, 19038 - 19048, 19116, 19117, 19124 - 19127, 20795, 20799, 20805, 20806, 20819, 20830, 20837, 30841, 30842); **Igarassú** Loc. 1 (UFPB 3526); **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPB 162, 3507, 3519, 3521 - 3525, 3527, 3528, 3534, 3535, 3539 - 3542, 3547, 3555, 3717, 4377, 4383, 4438, UFPE 468, 809, 812, 813, 866, 869, 870).

Necromys lasiurus (Lund, 1838)
"Pixuna"

Localidade tipo: Rio das Velhas, Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil (LUND, 1838).

Características: Espécie de tamanho pequeno (CC= $110,9 \pm 1,7$ n=37; C= $77,4 \pm 1,2$ n=29) cauda menor que cabeça e corpo, Orelha pequena ($15,0 \pm 0,2$ n=37) da mesma coloração do dorso. A pelagem dorsal é pouco densa e curta se comparada a outros akodontini, geralmente colorida de marrom escuro, salpicado de amarelo, de cor uniforme da cabeça à base da cauda, às vezes varia para marrom mais avermelhado. Região posterior à bochecha e por diante do membro anterior mais clara que restante da cabeça, com anel periocular amarelado. Ventre acinzentado. Cauda pouco pilosa com dorso marrom escuro e ventralmente clara; escamas caudais pouco visíveis. Pé pequeno ($24,06 \pm 1,9$ n=16), acinzentado no dorso com pêlos e garras compridos.

Crânio (Tabela 2) de tamanho médio, com perfil dorsal ligeiramente convexo. Rostro curto, nasal geralmente não ultrapassa a borda anterior dos incisivos. Região interorbital proporcionalmente larga, pouco convexa. Borda supraorbitária afiada e convergindo rostralmente, apresentando uma saliência aguda no extremo posterior do frontal. Cristas temporal e lambdóide presentes, esta última fracamente desenvolvida. Caixa craniana robusta. Zigomático pouco expandido, placa zigomática larga, com margem anterior reta ou pouco côncava e bem projetada rostralmente em vista dorsal. O parietal com a borda antero lateral estendida para frente, penetra no frontal. Forame incisivo longo, ultrapassa a lâmina anterior do M¹. Palato curto, de tamanho médio, atinge a lâmina posterior do M³. Fossa mesopterigóide estreita, pouco mais larga do que a parapterigóide, vacuidades esfenopalatinas presentes, aumentadas.

Incisivos superiores ortodontes, às vezes ligeiramente proodontes; molares superiores com lofos quase transversos; paralófulo presente no M¹⁻² pouco gastos, procíngulo simples, flexo antero mediano ausente. Molares inferiores com cúspides linguais pouco anteriores às labiais; mesolofídio presente no M₁.

Necromys lasiurus, também citado na literatura como "*Zygodontomys lasiurus*", *Akodon lasiurus* e *Bolomys lasiurus*, (MASSOIA e PARDIÑAS, 1993) assemelha-se a *Akodon* aff. *cursor*. Diferencia-se deste por apresentar anel periocular de cor clara, pelagem densa, com o ventre acinzentado, mais claro e pé mais densamente cobertos de pêlos. No crânio de *N. lasiurus* o rostro é mais curto, a borda supraorbitária, que é expandida e bem evidente, diverge posteriormente e apresenta uma saliência aguda no extremo posterior do frontal. O forame incisivo é mais estreito na parte posterior, e a fossa mesopterigóide é mais estreita. O procíngulo do M¹ é simples, sem o flexo

antero mediano.

O cariótipo de *Necromys lasiurus* de PB/PE apresenta $2n=34$, (MAIA e LANGGUTH, 1981).

Distribuição geográfica: Paraguai, Norte da Argentina, Leste da Bolívia. No Brasil ao sul do rio Amazonas (MUSSER e CARLETON, 1993) do leste do Ceará até São Paulo (REIG, 1987). Em PB/PE distribui-se na região da Mata Atlântica, e em regiões interioranas de altitude, pois prefere ambientes mais úmidos (KARIMI *et al.*, 1976).

Espécimes examinados: PARAÍBA: **João Pessoa** (UFPB 2812, 2829, 2838, 2852); **Juarez Távora** (UFPB 3039, 3040, 3043, 3044, 3045); **Mamanguape** Loc. 1 (MK G 7, 11, 14, 32); **Serraria** (UFPB 2898, 2869); PERNAMBUCO: **Água Preta** (UFPB 3473); **Bom Conselho** (UFPB 3488, 3497, 3508, 3509; MZUSP 23599, 23601); **Brejo da Madre de Deus** Loc. 2 (UFPB 4807, UFPE 1087); **Buíque** (MZUSP 23600, 23602); **Caruaru** Loc. 12 (UFPB 2575, 2615, 2617, 2820, 2889, 3051, 3477, 3492, 3493, 3494, 3502, 3505, 4433; UFPE 475, 487, 488, 489, 716, 717, 726, 727, 1120); **Exú** (UFPB 3111, 3114, 3485, 3491, 3496, 3498, 3499, 3489, 3483, 3479, 3486; MZUSP 21153, 20771, 20746, 20768, 20729, 20778, 20744, 20721, 20759, 20756, 20779, 20769, 20743, 20741, 20735, 20780, 20738, 20764, 20755, 20767, 20752, 20787, 20754, 20740, 20761, 20748, 20753, 20737, 20747, 20757); **Garanhuns** (UFPB 3482, 3025, PMN 367, 3484, 3480); **Inajá** Loc. 1 (UFPE 510) **Macaparana** Loc. 1 (UFPB 2825, 2826, 2833, 2834); Loc. 3 (UFPB 2846, 2847, 2848, 2849); Loc. 7 (UFPB 2850); **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPB 4385, 3563, 3469, 3490; UFPE 469, 499, 694, 808, 814); **São Lourenço da Mata** Loc. 1 (UFPB 3495); **São Vicente Ferrer** (UFPB 2839, 2857, 2843, 2911, 2882, 2924, 2913, 2901, 2887, 2883, 2918, 2909, 2904, 2894, 2886); **Sertânia** Loc. 3 (UFPE 744); Loc. 1 (UFPE 779).

***Oxymycterus angularis* Thomas, 1909**
"Rato-focinhudo"

Localidade tipo: São Lourenço da Mata, Pernambuco, Brasil (THOMAS, 1909).

Características: espécie de tamanho médio a grande ($CC=140,4\pm 1,3$ $n=36$; $C=112,9\pm 1,0$ $n=33$) cauda menor do que cabeça e corpo. Orelhas ($20,0\pm 0,5$ $n=36$) de tamanho grande, se comparado a *Necromys lasiurus* e *Akodon aff. cursor*, com a mesma coloração do dorso. Dorso do corpo com pelagem longa e densa, mais longa do que a de *Akodon aff. cursor*, colorida uniformemente de marrom ferrugíneo da cabeça à base da cauda. Um espécime de Brejo da Madre de Deus, PE, apresenta cor marrom amarelada. Ventre cinza com tons alaranjados, mais alaranjado na região peitoral. Re-

gião do mento pouco pilosa. A cauda é marrom uniforme dorsal e ventralmente, despigmentada por baixo apenas na região da base. Pé grande (c/u 33,1 \pm 1,5 n=6).

O crânio (Tabela 2) é longo com rostro bem desenvolvido formando uma prolongação em forma de pequeno tubo no extremo anterior, nasal longo afilado posteriormente. Região interorbital larga, mais larga do que nos outros akodontinos aqui estudados. Crista supraorbital ausente, às vezes a borda do frontal um pouco saliente. Crista temporal pouco marcada. Interparietal estreito em sentido antero posterior. Placa zigomática estreita com ângulo ântero-superior truncado, não projetada para a frente em vista dorsal. Borda anterior da placa zigomática reta e inclinada. Forame incisivo longo e largo, mais largo posteriormente, ultrapassa a lâmina anterior do M¹. Palato curto, com a borda anterior da fossa mesopterigóide podendo chegar até o M², a fossa mesopterigóide é larga, bem mais larga do que a fossa parapterigóide na altura da inserção do processo hamular do pterigóide. Aberturas esfenopalatinas ausentes. Bula auditiva desenvolvida.

Diferencia-se das demais espécies de ratos pelas pelagem longa e densa, cauda curta, pé desenvolvido com garras muito grandes, focinho longo. O crânio destaca-se pelo palato curto, pelo comprimento longo do rostro e pela placa zigomática com borda anterior em declive.

Distribuição geográfica: Leste do Brasil, nos Estados de Alagoas e Pernambuco (HERSHKOVITZ, 1994). Em PB/PE distribui-se pela Mata Atlântica de Pernambuco e alguns Brejos de Altitude.

Espécimes examinados: PERNAMBUCO: (UFPB 1068; 1070); **Bonito** Loc. 1 (MN 33092); **Brejo da Madre de Deus** Loc. 1 (UFPB 4499); **Caruaru** Loc. 9 (UFPB 1066; MN 33109); Loc. 12 (MN 33079, 33081, 33082, 33093, 33095, 33096, 33099, 33100, 33101, 33103, 33106, 33117, 33118, 33125; UFPB 718, 719, 722, 723, 724, 725, 1103, 1104, 2679); Loc. 13 (MN 33089); **Garanhuns** (oc. 21 (MN 33033, 33046, 33055, 33061); Loc. 27 (MN 33039, 33045, 33048, 33073); **Igarassú** Loc. 1 (UFPB 2678); **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPE 472, 765, 865).

Holochilus sciureus Wagner, 1842
"Rato-d'água-vermelho"

Localidade tipo: Rio São Francisco, Minas Gerais, Brasil (WAGNER, 1842b; ver MUSSER e CARLETON, 1993).

Características: Espécie de tamanho grande (CC= 168,2 \pm 2,6 n= 55; C= 147,5 \pm 2,0 n=55) cauda menor do que cabeça e corpo. Orelha (18,40,3 n=54) de tamanho médio, se comparado a *Nectomys* e *Oryzomys*, geralmen-

te da mesma coloração do dorso. A pelagem dorsal é longa, pouco densa, macia, colorida de marrom alaranjado a marrom oliváceo. As vibrissas são curtas. A região lateral do corpo é alaranjada, bem mais alaranjada no limite lateroventral. O ventre varia de cinza alaranjado a creme alaranjado, mais claro nas regiões da cabeça e inguinal. Cauda pouco pilosa, escura no dorso e levemente mais clara ventralmente, com escamas grandes distribuídas circularmente. Pé (c/u $38,5 \pm 3,4$ n=10) grande com garras desenvolvidas, tufo de pêlos periungueais ausentes, ou pouco desenvolvidos, membranas interdigitais presentes.

Crânio (Tabela 2) com rostro curto. Região interorbital bastante estreita, crista supraorbital menos desenvolvida que em *Nectomys squamipes*, crista temporal presente, crista pós-orbital presente. Caixa craniana pequena, com arco zigomático expandido, placa zigomática projetada anteriormente em vista dorsal, larga, com ângulo ântero-superior agudo e borda anterior côncava. O forame incisivo é curto e estreito, não alcança a lâmina anterior do M¹. O palato varia quanto ao comprimento, com borda anterior da fossa mesoptergóide podendo ou não ultrapassar a lâmina posterior do M3. Escora alisfenóide presente. O hipoflexo do M¹ e M² é profundo. Segundo VOSS e CARLETON (1993), o mesolofio e mesolofídio estão ausentes no M1 e M2, mas geralmente presente no M3. Nos espécimes examinados não observamos a presença de mesolofio e mesolofídio no M3.

H. Sciureus é parecido com *Nectomys squamipes* no aspecto geral e na sua adaptação a ambientes aquáticos. Entretanto, *N. squamipes* apresenta pelagem mais longa, mais densa e macia do que *H. sciureus*. Sua coloração dorsal é marrom bem mais escura e brilhosa, a lateral do corpo e amarelada diferente da coloração geral avermelhada observada em *H. Sciureus*. O comprimento da cauda é maior do que cabeça e corpo em *Nectomys* e menor em *Holochilus*. Diferenças craniais também são bem visíveis, como a região interorbital larga em *Nectomys* e estreita em *Holochilus*, crista supraorbital mais desenvolvida em *Nectomys*, entalhe da placa zigomática pouco profundo em *Nectomys*, e acentuado em *Holochilus*. O palato está no mesmo plano do diastema em *Nectomys* e num plano inferior em *Holochilus*.

A taxonomia desta espécie é ainda provisória e foi considerada como um complexo de espécies por VOSS e CARLETON (1993)

Distribuição geográfica: A distribuição é bastante ampla, pelas bacias do Amazonas e Orinoco e Guiana. No Brasil ocorre nas regiões Central e Norte. Em PB/PE esta espécie está distribuída principalmente pelo Agreste, Mata Atlântica e áreas úmidas de Brejos de Altitude.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **Mamanguape** (MZUSP 8419); **Mogeiro** (UFPB 2683, 2689); **Natuba** (UFPB 2688, 3077, 2686, 836, 3101, 3097, 3105, 3115, 834); **Salgado de São Félix** (UFPB 3103, 838, 835);

PERNAMBUCO: **Agrestina** (MN 66559, 66560, 66561, 66562); **Angelim** (MN 66592); **Bom Conselho** (UFPB 2694, 2682, 66591); **Bonito** (MN 2378, 66554, 66555, 66556, 66557, 66558); **Caruaru** Loc. 1 (MN 66516); Loc. 9 (MN 66534); Loc. 10 (MN 66511); Loc. 12 (MN 715, 1115); Loc. 19 (MN 66496, 66498, 66500, 66501, 66502, 66503, 66504, 66505); Loc. 26 (MN 66538); **Correntes** Loc. 6 (UFPB 2692); **Garanhuns** Loc. 35 (MN 66572); Loc. 37 (MN 66573); Loc. 36 (MN 66574); Loc. 33 (MN 66582); Loc. 22 (MN 66579, 66585, 66586, 66606, 66609); Loc. 41 (MN 66615); **Macaparana** (UFPB 838, 3102, 3104, 3100, 2684, 837, 832, 3098, 3106); **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPB 2690, 2691, 2695; UFPE 471, 498, 810).

Nectomys squamipes (Brants, 1827)
"Rato-d'água"

Localidade tipo: São Sebastião, São Paulo, Brasil (BRANTS, 1827, ver HERSHKOVITZ, 1944).

Características: Espécie de tamanho grande, (CC= $185,7 \pm 5,3$ n= 14; C= $200,8 \pm 4,1$ n=14) cauda maior do que cabeça e corpo. Orelha ($22 \pm 0,8$ n=15) de tamanho médio, da mesma coloração que o dorso. Dorso com pelagem longa, densa e macia, bastante brilhosa, colorida de cinza oliváceo a marrom ocráceo, a lateral do corpo é gradativamente cinza amarelado nos espécimes mais escuros, e alaranjada nos espécimes marrom ocráceo. Nos dois padrões de coloração a região central do dorso, que se estende desde o focinho até a base da cauda, forma uma faixa larga mais escura. O ventre é cinza amarelado, geralmente mais amarelado nas regiões gular e peitoral. A cauda é pouco pilosa, com escamas grandes e visíveis, colorida de marrom uniforme dorsal e ventralmente. O pé ($48,6 \pm 3,1$ n=11) é grande, com garras desenvolvidas e membrana interdigital presente.

O crânio (Tabela 2) é grande, com rostro curto e nasal afilado posteriormente. A região interorbital é larga, com crista supraorbital desenvolvida e convergente, a crista temporal está presente e é contínua até atingir a crista lambdóide. Forame incisivo curto e largo, oval, não ultrapassa a lâmina anterior do M¹. Palato longo. Fossa mesopterigóide bastante larga, não atinge a lâmina posterior do M³. Placa zigomática larga, com ângulo ântero-superior arredondado e entalhe profundo em vista dorsal. Incisivos superiores opistodontes a ortodontes, nunca proodontes. Quando a dentição é pouco gasta o protoflexo e hipoflexo estão presentes no M¹, apenas hipoflexo no M² e M³, o paraflexo, metaflexo e posteroflexo estão presentes no M¹ e M², posteroflexo ausente no M³.

Ver comparações junto a *H. sciureus*.

MAIA, (1981) registrou em São Lourença da Mata PE espécimes com 2n= 54, NF= 56 (PMN 250, 264), 2n= 56, NF= 56, (PMN 469,470, 299, 300,

344), $2n=57$, $NF=57$, (PMN 488) e em Rio Formoso PE registrou espécimes com $2n=53$, $NF=54$ (PMN 252= UFPB 3560) $2n=54$, $NF=56$ (PMN 265, 269, 272, 417), $2n=56$, $NF=56$, (PMN 456, 450, 453).

Distribuição geográfica: Misiones, na Argentina. No Brasil ocupa a Mata Atlântica desde Pernambuco até Rio Grande do Sul, bacias dos Rios São Francisco, Paraíba do Sul e Paraná até Mato Grosso do Sul (BONVICINO, 1994). Em PB/PE está distribuído pela região de Mata Atlântica de Pernambuco.

Espécimes examinados: Com cariótipo conhecido: **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPB 3560). Outros espécimes examinados com cariótipo desconhecido, atribuídos à espécie pela distribuição geográfica: **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPE 769, 807, 252, 265, 417, 456, 269, 272, 450, 453, MK-S 21); **São Lourenço da Mata** Loc. 2 (UFPE 1082, 250, 264, 469, 470, 488, 299, 300, 344).

Nectomys rattus (Pelzeln, 1883)
"Rato-d'água"

Localidade tipo: Marabitanas, alto Rio Negro, Brasil (PELZELN, 1883).

Características: Morfologicamente é semelhante à espécie anterior. Espécimes examinados da localidade Rio Formoso, PE, com cariótipo $2n=52$ possuem pelagem dorsal marrom ocráceo, mais alaranjado na lateral do corpo e ventre, eles também possuem dentes incisivos superiores mais fortemente opistodontes.

O cariótipo possui $2n=52$, $NF=52$. segundo ZANCHIN, (1988) UFPB 2798, 3095; e MAIA, (1981) UFPB, 3561 3559 3562.

Nectomys squamipes de São Lourenço da Mata PE apresenta número diplóide tanto $2n=52$ $NF=52$ como $2n=56$, $NF=56$. BONVICINO *et al.* (1996) constataram a inviabilidade reprodutiva dos híbridos entre animais com estes dois cariótipos obtidos em laboratório, e sugerem que as duas formas ($2n=52$ e $2n=56$) pertençam a espécies (crípticas) diferentes. Neste caso, baseando-se na distribuição geográfica, a forma $2n=52$ seria *Nectomys rattus* pois a sua localidade tipo esta dentro da área de distribuição exclusiva deste cariótipo, e a forma $2n=56$ seria *Nectomys squamipes*. Aparentemente a Mata Atlântica de Pernambuco está na zona de contato (hibridização ?) entre as duas espécies. (MAIA *et al.* 1984).

Distribuição geográfica: Bacias amazônica, do Rio Paraguai e do Rio Orinoco, parte da Colômbia. Peru, Bolívia, Paraguai e da Argentina. No Brasil, Extremo Norte da Mata Atlântica ao Norte de Rio Formoso, em Pernambuco, Paraíba, Brejos de Altitude no semi-árido, bacia do Rio Tocantins, no Pará,

Cerrado do Brasil Central, bacia do Rio Paraguai, parte da bacia amazônica. Em PB/PE ocorre na Mata Atlântica ao Norte de Rio Formoso e em alguns Brejos de Altitude (Araripe) (BONVICINO, 1994).

Espécimes examinados com $2n= 52$: PERNAMBUCO: **Igarassú** Loc. 1 (UFPB 3559) **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPB 3561, 3562). PARAÍBA: **Sapé** Loc. 1 (UFPB 2798, 3095). Outros espécimes examinados com cariótipo desconhecido: **Igarassú** Loc. 1 (UFPB 3558, UFPE 1337); **Mamanguape** (UFPB 2794); Loc. 1 (UFPB 1532, MK-G 4, 5); Loc. 8 (UFPB 4129, 4130). **Sapé** Loc. 1 (UFPB 2781, 2786, 2787, 2788, 2791, 2793, 2796, 2797, 2799, 2800).

Oecomys bahiensis Hershkovitz, 1960
"Rato-da-árvore-vermelho"

Localidade tipo: Fazenda Almada, Ilhéus, Bahia, Brasil (HERSHKOVITZ, 1960).

Características: Espécie de tamanho médio ($CC= 120,0\pm 3,0$ $n=2$; $C=130,0\pm 8,0$ $n=2$) cauda aproximadamente igual ou maior do que cabeça e corpo. Orelha pequena ($16,5\pm 0,6$ $n=2$) coberta de pêlos curtos e finos, da mesma coloração do dorso. Pelagem dorsal densa, longa e macia, colorida de marrom avermelhado. Região lateral da cabeça e do corpo colorida de alaranjado mais clara do que o dorso. Ventre de cor creme alaranjada a acinzentada. Região do mento pouco pilosa. Cauda marrom dorsal e ventralmente. Pé ($27,5\pm 0,7$ $n=2$) pequeno e proporcionalmente largo em comparação a *Oryzomys*, adaptado a hábitos arborícolas, tufo de pêlos peri-ungueais pouco denso, não ocultam as garras.

Crânio (Tabela 2) de tamanho moderado, rostró curto, nasal curto, não atinge por trás a altura da região interorbital. Placa zigomática com borda anterior reta, ângulo ântero-superior arredondado, pouco projetado para a frente quando visto dorsalmente. Região interorbital moderadamente larga. Crista supraorbital presente, desenvolvida, divergindo para trás. Crista temporal presente, alcança a crista lambdóide.

Forame incisivo longo em relação ao tamanho do diastema, mais largo posteriormente, não ultrapassa a lâmina anterior do M^1 . Palato longo, com a borda posterior além da lâmina posterior do M^3 . Incisivos opistodontes, mesolofó presente nos M^{1-3} , mesolofídeo presente nos M_{1-3} , procíngulo do M^1 desenvolvido.

Oecomys bahiensis apresenta características externas semelhantes às de espécies do gênero *Oryzomys*, e *Rhipidomys*. Diferencia-se de *Oryzomys aff. russatus* por não apresentar mancha esbranquiçada na região entre o focinho e a bochecha, por ter o limite entre ventre e região lateral do corpo menos definido, e a pelagem dorsal mais longa e densa. O pé é mais

curto, sem pêlos ocultando as garras. O crânio de *O. bahiensis* é menor que em *Oryzomys aff. russatus*; o rostro é mais curto, e o nasal é mais curto e estreito. A placa zigomática de *O. bahiensis* é mais estreita, o seu entalhe é menos profundo, e o interparietal é maior antero posteriormente que em *O. russatus*.

O. bahiensis possui cauda maior que a cabeça e corpo juntos enquanto que em *Oryzomys oniscus* ela é aproximadamente igual. O comprimento da cabeça e corpo é menor em *O. bahiensis*, e a sua coloração dorsal é mais alaranjada que em *O. oniscus*, o ventre é cinza amarelado e a orelha é menor que em *O. oniscus*. O crânio de *O. bahiensis* possui rostro mais curto em relação a *O. oniscus*, a crista supraorbital é em *O. bahiensis* desenvolvida, a região interorbital mais larga, o interparietal maior antero posteriormente, e o forame incisivo proporcionalmente mais longo que em *O. oniscus*.

O. bahiensis possui pé bastante mais curto que *Oryzomys subflavus*, crânio menor, placa zigomática mais estreita com entalhe menos profundo visto dorsalmente, crista supraorbital menos desenvolvida, fossa mesoptergóide mais larga, e aberturas esfenopalatinas menores.

Rhipidomys mastacalis apresenta pelagem mais crespa, menos avermelhada, não tão laranja na lateral do corpo como em *O. bahiensis*, as vibrissas são mais longas, o ventre é branco bem definido dos lados. *O. bahiensis* tem a cauda sem o pincel na ponta e sem e o pé sem a mancha escura no dorso característica de *R. mastacalis*. O crânio deste último apresenta crista supraorbital e temporal menos desenvolvida que em *Oecomys*, borda posterior do palato sem processo medial, bula auditiva maior, palato curto, e escora do alisfenóide ausente.

Como mostrado por LANGGUTH *et al.* (no prelo) os exemplares de Pernambuco diferem do holótipo de *Oecomys concolor* e concordam com a descrição de *O. bahiensis* (HERSHKOVITZ, 1960).

O cariótipo de exemplares de Pernambuco desta espécie é $2n=60$ e $NF=62$ (LANGGUTH *et al.*, 2005).

Distribuição geográfica: Mata Atlântica de Pernambuco e do Sul da Bahia provavelmente até São Paulo e matas ciliares do Cerrado no DF onde tem exemplares com o mesmo cariótipo. Em PB/PE distribui-se na Mata Atlântica de Pernambuco.

Espécimes examinados: PERNAMBUCO: **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPB 4450); **São Lourenço da Mata** Loc. 1 (UFPB 4447, 4448, 4449).

Oligoryzomys stramineus (Bonvicino e Weksler, 1998)

“Ratinho-de-rabo-comprido”

Localidade tipo: Fazenda Vão dos Bois, (13°34'29" S 47°10'57" W), 24

Km N de Terezina, 15 km SW do Rio Paranã, um tributário do Tocantins, rodovia GO 118, Km 275., Terezina de Goiás, Goiás, Brasil (BONVICINO e WEKSLER, 1998).

Características: Entre os *Oligoryzomys* esta espécie apresenta tamanho grande (CC= 101,2 n=5; C= 127 n=5) e cauda maior que a cabeça e corpo escura dorsalmente e clara ventralmente. A orelha está desenvolvida, (15,6 n=5). A coloração geral do dorso é marrom-alaranjado, com faixa central mais escura da cabeça à base da cauda. Região lateral do corpo mais clara, alaranjada. Ventre esbranquiçado, base do pêlo cinza, e limite lateral nítido. Pé grande (26 n=5), dorso com pêlos brancos.

Crânio (Tabela 2) maior que o de *O. fornesi*, com rostro relativamente longo e região interorbital estreita. As cristas supra-orbital e temporal estão ausentes. O interparietal é grande em sentido antero posterior. Placa zigomática larga, com entalhe profundo visto dorsalmente. Forame incisivo longo, geralmente estende-se além da lâmina anterior do M¹. Palato longo, a fossa mesoptergóide não alcança a lâmina posterior do M³; fossa paraptergóide larga. Aberturas esfenopalatinas presentes, desenvolvidas. Escora alisfenóide e sulco squamo-alisfenóide ausentes. Flexo antero mediano do M¹ presente.

O. stramineus difere de *O. fornesi* por apresentar tamanho maior, cor ventral esbranquiçada, contraste entre pelagem lateral do corpo e ventral bem definido e crânio maior. *O. stramineus* apresenta rostro mais longo, placa zigomática mais larga com entalhe mais profundo visto dorsalmente, cristas supraorbital e temporal ausentes e fossa mesoptergóide mais estreita do que a fossa paraptergóide.

O cariótipo de *O. stramineus* tem 2n=52; NF= 68-70 (BONVICINO e WEKSLER, 1998).

O gênero *Oligoryzomys* é facilmente distinguível de *Oryzomys* pelo seu pequeno tamanho e o comprimento da cauda maior que cabeça e corpo. Três espécies deste gênero ocorrem na Mata Atlântica do Nordeste e na Caatinga. *O. nigripes* apresenta uma ampla distribuição e parece estar mais associado a regiões de mata, especialmente aquelas do litoral, mas pode também ocorrer na Caatinga. *O. fornesi* e *O. stramineus* ocorrem na Caatinga e em áreas próximas aos Brejos de Altitude. A taxonomia de *Oligoryzomys* ainda não está bem resolvida. Ela é difícil pois alguns caracteres usados para definir espécies são sutis e variáveis e as descrições estão sempre apoiadas em espécimes com cariótipo conhecido. Frequentemente mais de uma espécie ocorre em sinpatria. A identificação não é fácil, pois muitos caracteres diagnóstico superpõem-se em maior ou menor grau entre as diferentes espécies. Elas podem ser reconhecidas facilmente com o cariótipo (ANDRADES-MIRANDA *et al.*, 2001), mas esta informação não está sempre disponível. Os cariótipos são claramente diferentes e sugerem que se trata de um complexo de espécies crípticas. Na ausência de cariótipo resulta difícil

identificar os espécimes.

Distribuição geográfica: Áreas abertas das regiões Nordeste e Central do Brasil, inclusive norte de Minas Gerais. Em PB/PE foi registrado no Agreste e no semi-árido. Ocorre em sinpatria com *O. nigripes* e *O. fornesi* em Pernambuco (BONVICINO e WEKSLER, 1998).

Espécimes examinados: espécimes relacionados em BONVICINO e WEKSLER (1998); depositados na coleção da UFPB: PARAÍBA: **Natuba** (UFPB 1817, 1820). PERNAMBUCO: **Bom Conselho** (UFPB 1866, 1874, 1901); **Correntes** (UFPB 1863, 1865). Outros espécimes na coleção da UFPB: PERNAMBUCO: **Buíque** Loc. 3 (UFPB 1873); **Exú** Loc. 39 (UFPB 4681, 4682, 4818, 4830).

Oligoryzomys fornesi (Massoia, 1973)
"Ratinho-de-rabo-comprido"

Localidade tipo: Ceibo 13, Naineck, Depto. de Rio Pilcomayo, Província de Formosa, Argentina (MASSOIA, 1973).

Características: Espécie menor (CC= 74 n=1; C=83 n=1). Cauda pequena, colorida de marrom escuro no dorso, mais clara no ventre. Orelha (12 n=1) da mesma coloração do dorso, que é marrom avermelhado, brilhoso se comparado aos demais *Oligoryzomys* da região; o dorso é mais avermelhado na região traseira do animal. Lateral do corpo mais alaranjada, diminuindo gradativamente em direção ao ventre. Região ventral cinza amarelada, uniforme, com limite ventrolateral pouco nítido. Pé longo e estreito (22 n=1).

Crânio (Tabela 2) menor do que as demais espécies do mesmo gênero. Rostro curto, região interorbital estreita, com cristas supraorbitais ausentes. Bordas do frontal côncavas, pouco salientes, pouco divergentes posteriormente. Caixa craniana arredondada, pequena. Forame incisivo curto e proporcionalmente largo, sua parte posterior não atinge o limite da Lâmina anterior do M¹.

O cariótipo tem 2n=62; NF= 64 (BONVICINO e WEKSLER, 1998).

O. fornesi diferencia-se das demais espécies pelo tamanho menor, coloração do ventre cinza amarelado, crânio pequeno, caixa craniana bastante abaulada e pelo cariótipo.

Distribuição geográfica: Norte de Argentina e Paraguai. No Brasil distribui-se pelo Cerrado e Caatinga. Em PE/PB foi registrado em áreas de altitude com clima mais ameno dentro do Semi-árido.

Espécimes examinados: Relacionados em BONVICINO e WEKSLER (1998) PARAÍBA: **Natuba** Loc. 7 (UFPB 1815); PERNAMBUCO: **Bom Conselho** (UFPB 1900); **Correntes** (UFPB 1885); Loc. 4 (UFPB 1893); Loc. 3 (UFPB 1894). Outros espécimes examinados: PERNAMBUCO: **Bom Conselho** (UFPB 1857, 1895); **Correntes** (UFPB 1887, 1888); Loc. 4 (UFPB 1880); Loc. 3 (UFPB 1881, 1883).

Oligoryzomys nigripes (Olfers, 1818)
"Ratinho-de-rabo-comprido"

Localidade tipo:, Paraguai, Departamento de Paraguari, Parque Nacional de Ybycui, 85 Km SSE de Atyra (OLFERS, 1818, restrita por MYERS e CARLETON, 1981).

Características: Espécie de tamanho grande (CC= 94 n=4; C= 133,7 n=4). Cauda mais longa do que cabeça e corpo, escura no dorso e clara ventralmente. Orelha desenvolvida (15,5 n=4), da mesma coloração geral do dorso que é marrom escuro a alaranjado. Linha escura dorsal pouco definida. Lateral do corpo pouco mais clara, alaranjada. Ventre esbranquiçado, base do pêlo cinza, e limite entre o flanco e o ventre nítido. Pé grande (24,7 n=4), com dorso claro.

Crânio (Tabela 2) de tamanho aproximado ao de *O. stramineus*, com rostro curto e região ineroorbital estreita, crista supraorbital fracamente desenvolvida, apenas um espessamento da borda frontal, divergente posteriormente. Interparietal mais largo que longo. Placa zigomática estreita, com entalhe pouco profundo visto dorsalmente. Forame incisivo longo, geralmente estende-se até a lâmina anterior do M¹. Palato longo, a fossa mesoptergóide estreita, aproximadamente igual à parapterigóide. Aberturas esfenopalatinas presentes, desenvolvidas. Escora alisfenóide e sulco squamoalisfenóide ausentes. Flexo antero mediano do M¹ presente.

O cariótipo desta espécie é 2n= 62 NF= 81-82 (BONVICINO e WEKSLER, 1998).

Distribuição geográfica: Norte da Argentina, e Paraguai. No Brasil, do Rio Grande Sul à Bahia, e Brasil central até o Nordeste do país. Em PB/PE foi registrado em Brejos de Altitude e no Agreste.

Espécimes examinados: Relacionados em BONVICINO e WEKSLER (1998), PARAÍBA: **Natuba** Loc. 1 (UFPB 1818); **Correntes** Loc. 3 (UFPB 1882; Loc. 5 (UFPB 1871); **Bom Conselho** (UFPB 1896, 1897, 1904, 1905); Loc. 9 (UFPB 1870). Outros espécimes examinados: PERNAMBUCO: **Bezerros** Loc. 1 (UFPB 4039, 4041, 4042, 4045, 4048-4050, 4056, 4089-4092); **Exú** Loc. 8 (UFPB 4827); **Panelas** (UFPB 1902).

Não foi possível identificar os espécimes abaixo relacionados: Na coleção do Museu Nacional. PERNAMBUCO: **Caruaru** (MN 18412); Loc. 6 (MN 18407, 18408, 18410, 18415, 18416); Loc. 7 (MN 18424); Loc. 9 (MN 15397, 15401); Loc. 20 (MN 15502); **Garanhuns** Loc. 4 (MN 15328, 15512); Loc. 7 (MN 15944); Loc. 37 (MN 15334); Loc. 38 (MN 15809); **Pesqueira** Loc. 10 (MN 15360); Loc. 13 (MN 15483); Loc. 21 (MN 15869); **Triunfo** Loc. 21 (MN 15493); na Coleção de Mamíferos da UFPE: **Rio Formoso**, Loc. 1 (UFPE 815, 816); **Sertânia** Loc. 2 (UFPE 1113); Na Coleção de Mamíferos da UFPB: **Exú** Loc. 8 (UFPB 4830, 4681, 4682, 4818, 4827).

Oryzomys oniscus Thomas, 1904
"Rato-da-mata"

Localidade tipo: São Lourenço da Mata, Pernambuco, Brasil (THOMAS, 1904a).

Características: Espécie de tamanho médio, (CC= 137,2±3,3 n=8; C= 131,4±2,5 n=8) cauda aproximadamente igual ao tamanho da cabeça e corpo. Orelha (21,1±0,6 n=8) relativamente grande, da mesma coloração do dorso. A cor do dorso é marrom avermelhado, distribuída uniformemente do focinho à base da cauda. Região lateral do corpo mais amarelada, região atrás do focinho e abaixo da bochecha, cinza claro. O ventre varia de acinzentado a branco sujo. O dorso da cauda apresenta a mesma coloração do corpo, mais clara no lado ventral. Os pêlos caudais curtos e finos conferem-lhe aspecto nu. O pé (32,4 ± 1,3 n=4) de tamanho grande, tem o seu dorso branco prateado, com tufo de pêlos peri-ungueais, que não encobre as garras.

Crânio (Tabela 2) com rostro proporcionalmente curto, frontal bastante expandido por diante da constricção interorbitária, crista supraorbital pouco desenvolvida, divergente posteriormente. Placa zigomática relativamente larga, com entalhe pouco profundo visto dorsalmente, borda anterior geralmente reta e ângulo ântero-superior bastante arredondado. Padrão de circulação carotídea com sulco squamoalisfenóide e forame esfenofrontal ausentes. Forame incisivo bastante curto, seu extremo está longe da lâmina anterior do M¹, levemente mais largo posteriormente. Palato longo, borda posterior avança além da lâmina posterior do M³. M² com uma fosseta labial bastante evidente. M₂ com hipoflexídeo longo, especialmente em dentes com pouco desgaste. Fossa mesoptergóide larga, aberturas esfenopalatinas ausentes.

Oryzomys oniscus tem cariótipo 2n=52, NF= 62 segundo MAIA, (1981) UFPB 1991, 1999, e ZANCHIN, (1988) UFPB 2670.

A coloração dorsal de exemplares desta espécie é bastante variável. Os espécimes subadultos apresentam coloração dorsal marrom amarelado, com faixa dorsal mais escura, e região lateral mais amarelada, diferenci-

ando-se assim dos adultos que possuem dorso marrom avermelhado ou cinza escuro, uniforme. Indivíduos mais jovens possuem coloração do dorso cinza escuro uniforme.

Esta espécie distingue-se dos demais *Oryzomys* por apresentar cauda de tamanho aproximadamente igual a cabeça e corpo, crânio com crista supraorbital pouco desenvolvida; forame incisivo bastante curto; hipoflexídio do M_2 bastante longo, quase dividindo o dente. Ver mais comparações sob *O. aff. russatus*.

Distribuição geográfica: Leste do Brasil. Em PB/PE só foi registrado na Mata Atlântica. Está ausente nos Brejos de Altitude e na Caatinga.

Espécimes examinados: PARÁIBA: **Sapé** Loc. 1 (UFPB 1931, 1995, 2670). PERNAMBUCO: **Rio Formoso** Loc. 1 (UFPB 1989, 1990, 1991, 1992, 1996, 4446, UFPE 811, UFPE/PHA 3); **São Lourenço da Mata** Loc. 1 (UFPB 1999); **Timbaúba** Loc. 1 (UFPB 5051, 5052, 5053).

Oryzomys aff. russatus (Wagner, 1848)
"Rato-da-mata-vermelho"

Localidade tipo de *O. russatus*: Ipanema, São Paulo, Brasil (WAGNER, 1848).

Características: Espécie de tamanho médio, (CC= 125,5 n=2; C= 151,5 n=2) cauda maior que cabeça e corpo. Orelha (22 n=2) grande, coberta de pêlos pequenos e finos, da mesma coloração do dorso. A cor do dorso é marrom avermelhado, uniforme do topo da cabeça à base da cauda. Região da bochecha e lateral do corpo bastante alaranjada. Região entre o focinho e a bochecha, abaixo do olho, cinza esbranquiçado. Limite ventrolateral bastante nítido. Ventre cinza claro, esbranquiçado. Dorso da cauda da mesma coloração do corpo, ventralmente mais claro. Os pêlos caudais, curtos e finos, deixam as escamas à amostra. O pé (32,5 n=2)) de tamanho grande, com dorso branco prateado, tufo de pêlos peri-ungueais encobrindo as garras.

Crânio (Tabela 2) de tamanho médio, rostro proporcionalmente alongado, nasal longo se comparado a *O. oniscus*, projetando-se posteriormente na região interorbital. Região interorbital larga. Crista supraorbital presente, mais desenvolvida do que em *O. oniscus* e bem menos pronunciada que em *O. subflavus*, divergente posteriormente. Placa zigomática relativamente larga, com entalhe relativamente profundo em vista dorsal, borda anterior geralmente reta ou pouco côncava, ângulo ântero-superior bastante arredondado, mais projetado anteriormente do que em *O. oniscus*. O padrão de circulação carotídea tem canal squamoalisfenóide e forame esfenofrontal presentes.

Forame incisivo longo e estreito, não ultrapassa a lâmina anterior do M¹. Palato longo, sua borda posterior avança além da lâmina posterior do M³. Fossetas labial e medial presentes no M². Hipoflexídeo do M₂ medianamente desenvolvido. Fossa mesopterigóide larga, aberturas esfenopalatinas ausentes.

Oryzomys aff. russatus possui cauda maior que o corpo, mas não tão longa quanto *O. subflavus*. Caracteres cranianos como o forame incisivo longo e estreito, padrão primitivo de circulação carotídea e a presença das fossetas medial e labial no M² diferenciam *O. aff. russatus* de *O. oniscus*. *O. subflavus* apresenta crista supraorbitária bastante desenvolvida, o padrão carotídeo derivado, forame incisivo mais largo que *O. aff. russatus*, fossa mesopterigóide estreita. O espécime de Areia, que é adulto, possui medidas cranianas menores que as de espécimes de *O. russatus* do sudeste do país publicadas por MUSSER *et al.*, (1998). É provável que os exemplares de Areia pertençam à mesma espécie que ocorre na Serra de Baturité, ainda não descrita, e cujo cariótipo 2n= 76, NF= 86 foi publicado por SILVA *et al.* (2000).

Distribuição geográfica de *O. russatus*: Leste dos Andes, no Sul da Bolívia e norte da Argentina (MUSSER *et al.* 1998). No Brasil ocupa a região central e Leste até Ilhéus. Em PB/PE *Oryzomys aff. russatus* só foi encontrado no Brejo de Areia, PB.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **Areia** Loc. 1 (UFPB 1998, 2064).

Oryzomys subflavus (Wagner, 1842)

“Rato-de-cana”

Localidade tipo: Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil (WAGNER, 1842a, ver LANGGUTH e BONVICINO, 2002).

Características: Espécie de tamanho médio a grande, (CC= 144 n= 12, C= 157 n=12) cauda longa, mais longa que cabeça e corpo. Orelha (20 n=12) de tamanho médio, e cor escura. Cabeça com coloração acinzentada, do focinho à região entre os olhos. Pelagem dorsal varia de cor marrom alaranjada a marrom amarelada ligeiramente mais escura na parte media do dorso. A região lateral do corpo é mais clara do que a linha media do dorso, mais amarelada ao aproximar-se do ventre. Ventre acinzentado, às vezes manchado de amarelado, limite ventrolateral pouco nítido. A cauda é pouco pilosa, de aspecto nu, marrom por cima e clara por baixo, especialmente na região proximal. Pé (32 n=12) de tamanho médio, com dorso acinzentado e tufo de pêlos peri-ungueais que não cobrem as garras.

Crânio (Tabela 2) de tamanho grande, rostro curto em relação aos outros *Oryzomys*, caixa craniana desenvolvida, da mesma altura da região

interorbital, que é larga. Crista supraorbital bem desenvolvida, convergindo anteriormente, crista temporal presente. Arcos zigomáticos pouco expandidos lateralmente. Placa zigomática com ângulo ântero-superior arredondado, e com a borda anterior reta ou ligeiramente côncava. Forame incisivo longo e estreito, geralmente alcança a lâmina anterior do M¹. O palato é longo, geralmente a borda posterior não atinge a lâmina posterior do M³. Fossa mesopterigóide estreita, com aberturas esfenopalatinas presentes, no preesfenóide e basiesfenóide. Fossa parapterigóide aproximadamente da mesma largura que a mesopterigóide. Processo hamular do esquamoso presente. Canal alisfenóide e forame esfenofrontal ausentes. Dentes incisivos opistodontes. Mesolofídio presente no M₁₋₂. Fosseta medial, às vezes também a lingual, presentes no M², (espécimes de Pico do Jabre, Teixeira, PB).

Os espécimes de *O. subflavus* do Brejo de Altitude de Pico do Jabre PB, apresentam dorso mais alaranjado que os exemplares descritos como *O. subflavus* por LANGGUTH e BONVICINO (2002). Os espécimes do Parque Vasconcelos Sobrinho em Caruaru, PE, outro Brejo de Altitude (UFPB 2568, 2570, 2587, 2623) possuem tamanho maior e coloração dorsal marrom, pouco amarelada, se comparados com espécimes da região da localidade tipo, em Minas Gerais (UFPB 199, 1926, 2368). Em espécimes da região de Mata Atlântica de PE e PB encontram-se padrões de coloração intermediários.

Os 4 exemplares cariotipados por nos mostraram o 2n= 50, NF= 56 mais freqüente na região (UFPB 2371, 2377, 2773, 2744). MAIA e HULAK (1981) descreveram o cariótipo de 84 animais de 9 localidades de Pernambuco desde a Mata Atlântica até o extremo oeste do estado. Possuindo um único NF= 56 o 2n variou, sendo 46, 48, 49 e 50. É provável que híbridos entre estes cariótipos de Pernambuco e o da localidade tipo de *O. subflavus* (2n=54, NF= 62, LANGGUTH e BONVICINO, 2002) sejam inviáveis, constituindo assim uma barreira de isolamento reprodutivo. Todavia a distribuição geográfica destes cariótipos deve ser melhor estudada antes de definir espécies diferentes. Por outro lado, morfológicamente estas dois populações são muito semelhantes y não tem muito sentido descrever e nomear espécies que não podem ser reconhecidas morfológicamente. O valor pratico da taxonomia ficaria prejudicado.

Distribuição geográfica: Brasil, Minas Gerais, São Paulo e estados do Nordeste até o Ceará. Em PB/PE foi coletado na Mata Atlântica, no Agreste, nos Brejos de Altitude e na Caatinga.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **Areia** (UFPB 2065); **Bezerros** Loc. 1 (UFPB 4054, 4687); **João Pessoa** (UFPB 2079, 2081, 2370, 2371, 2372, 2373, 2377, 2378, 2769, 3046); **Mamanguape** Loc. 1 (MK-G33); Loc. 10 (UFPB 2061); **Natuba** (UFPB 2066, 2068, 2697, 2700, 2703, 2705, 2711, 2716, 2717,

2731); **Salgado de São Félix** (UFPB 2750, 2744, 2745, 2747, 2057, 2736, 2742, 2743, 2667, 2749); **Teixeira** Loc. 1 (UFPB 2060, 2366, 1955, 2367); PERNAMBUCO: **Bezerros** Loc. 1 (UFPB 4051, 4052, 4053, 4687, 4812); Loc. 2 (UFPB 3615); **Bom Conselho** Loc. 7 (MZUSP 25218); **Brejo da Madre de Deus** Loc. 2 (UFPE 1094) **Buíque** (MZUSP 25219, 20605, 20606); Loc. 2 (MZUSP 20604, 20602, 20603); **Caruaru** (UFPB 2623, 2568, 2570, 2577, 2587); Loc. 14 (MN 12148, 18022); Loc. 15 (MN 12128); Loc. 16 (MN 18032); Loc. 17 (MN 12130); Loc. 18 (MN 18033); Loc. 19 (MN 12133); Loc. 20 (MN 12134); Loc. 21 (MN 18026); Loc. 22 (MN 12149); **Correntes** (UFPB 2673); **Exú** (MZUSP 18900, 18901, 18902, 18903, 18904, 18906, 18907, 18908, 18909, 18910, UFPB 4683); **Garanhuns** Loc. 21 (MN 12045); Loc. 26 (MN 12044); Loc. 29 (MN 12040, 12042, 12043); Loc. 30 (MN 12041); Loc. 31 (MN 12057); Loc. 32 (MN 1205); **Inajá**, Loc. 1 (UFPE 1428, 1429, 1430); **Macaparana** (UFPB 816; 2778; 2779; 2753; 2760; 2669; 2070; 2058; 2056); **Rio Formoso** (UFPB 2674); **São Lourenço da Mata** (MZUSP 3024); Loc. 2 (UFPE 989); **São Vicente Ferrer** (UFPB 2054, 2055, 2071, 2752, 2755, 2756, 2757, 2771, 2775, 2777); **Serra Talhada** Loc. 1 (MZUSP 18905).

Calomys expulsus (Lund, 1841)

“Ratinho-de-cauda-curta”

Localidade tipo: Lagoa Santa, Rio das Velhas, MG (LUND, 1841).

Características: Espécie de tamanho pequeno, (CC= $84,9 \pm 2,5$ n=36, C= $75,1 \pm 1,5$ n=36), cauda curta sempre menor que cabeça e corpo. Orelha pequena ($14,6 \pm 0,3$ n=36) da mesma cor do dorso. Pelagem dorsal pouco densa, curta, colorida de cinza amarronzada, mais escura na linha média do dorso. Região da face e lateral do corpo de cinza amarelada a acinzentada, com linha divisória entre região lateral e ventre pouco nítida. Região abaixo do olho e próximo ao focinho clara, geralmente branco sujo. Ventre de cinza a cinza esbranquiçado. Cauda marrom claro no dorso, despigmentada por baixo, pêlos caudais pequenos, pouco densos, escamas visíveis. Pé pequeno ($18,3 \pm 1,2$ n=15), dorso branco ou branco sujo.

Crânio (Tabela 2) pequeno, levemente convexo visto de perfil, rostró afilado na parte anterior, nasal geralmente ultrapassa o plano anterior dos incisivos. Região interorbital estreita, geralmente mais elevada do que a caixa craniana, que é pequena e pouco inflada, crista supraorbital conspícua, divergindo posteriormente, contínua com uma crista temporal. A crista lambdóide está pouco desenvolvida. Arco zigomático pouco expandido lateralmente, borda anterior da placa zigomática reta ou levemente côncava, com ângulo superior arredondado, entalhe da placa zigomática profundo em vista dorsal. Forame incisivo longo, de bordas paralelas, estendendo-se desde pouco atrás do alvéolo do incisivo até mais atrás da borda anterior do M¹.

Palato longo, geralmente a borda da fossa mesopterigóide não atinge a altura da borda posterior do M³. Fossa mesopterigóide bastante estreita, cerca de ½ da largura da fossa parapterigóide. Incisivos superiores opistodontes, séries molares paralelas. Flexo antero mediano do M¹ bem desenvolvido com procíngulo distintamente bilobado, especialmente em espécimes juvenis, mesolofo ausente. Paraflexo do M²⁻³ bem desenvolvido, pelo menos em dentes pouco gastos, posteroflexo pouco desenvolvido nos molares superiores, proflexo ausente no M², hipoflexo do M³ quase unido ao metaflexo.

O cariótipo desta espécie é 2n= 66, NF= 70 (SOUZA, 1981) ou 2n=66, NF= 68 (BONVICINO e ALMEIDA, 2000).

A taxonomia de *Calomys* ainda permanece mal resolvida. A espécie *C. expulsus* foi tratada como uma espécie válida por CABRERA (1961), e como subespécie de *C. callosus* por HERSHKOVITZ (1962). Na lista de mamíferos do mundo MUSSER e CARLETON (1993) consideraram *C. expulsus* como sinônimo de *C. callosus*. O estudo do cariótipo permitiu reconhecer *C. expulsus* como uma espécie diferente de *C. callosus* (BONVICINO e ALMEIDA, 2000; BONVICINO *et al.*, 2003). Morfologicamente estas espécies são muito parecidas

C. expulsus assemelha-se um pouco a *Necomys lasiurus*. Diferencia-se deste por apresentar tamanho do corpo menor, pelagem dorsal menos densa, anel periocular ausente, ventre esbranquiçado, pé pequeno com dorso branco. *C. expulsus* tem o crânio menor que *N. lasiurus*, forame incisivo mais longo e estreito, fossa mesopterigóide estreita, fossa parapterigóide relativamente larga.

Distribuição geográfica: Norte da Argentina, leste da Bolívia, oeste do Paraguai. No Brasil, distribui-se ao longo dos Cerrados e Caatinga. Em PB/PE ocorre na Caatinga penetrando em parte do Agreste e em áreas desmatadas da Floresta Atlântica.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **Cabaceiras** (UFPB 3042); **João Pessoa** (UFPB 2973, 2974); **Juarez Távora** (UFPB 3039, 3040, 3043, 3044, 3045); **Natuba** (UFPB 2926, 2929, 2938, 2941, 2957); **Pirauá** (UFPB 2930, 2931, 2932, 2933, 2942, 2943, 2944, 2945, 2949-2955, 2960-2969, 3050); **Salgado de São Félix** (UFPB 254, 2927, 2928, 2937, 2939, 2940, 2970, 3049); PERNAMBUCO: **Agrestina** (MN 65929); **Bodocó** (MN 62380, 62368, 62365, 62371, 62370); **Bom Conselho** (UFPB 3478, 3512); Loc. 6 (MZUSP 27416); **Caruaru** (MN 62364); Loc. 12 (MN 12975, 12999); Loc. 21 (MN 12962); Loc. 22 (MN 12963, 12966, 13078, 13302, 62367); **Correntes** (UFPB 1938, 3476); **Exú** (MN 62376, 62377; UFPB 3506); Loc. 4 (MZUSP 18914); **Garanhuns** Loc. 33 (MN 62350, 62351, 62355, 62356, 62357, 62359, 65096, 65097); Loc. 34 (MN 22743, 22750, 62363, 62360, 62361, 65098, 65099, 65100); **Macaparana** (UFPB 2935, 2948, 2950, 2959); **Pesqueira** (MN 62369, 62370, 62371, 65100); Loc. 20 (MN 22759); **Triunfo** Loc. 20 (MN 62375).

Pseudoryzomys simplex (Winge, 1887)
"Falso-Rato-de-cana"

Localidade tipo: Lapa da escrivania N.º 5, proximidade de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil (WINGE, 1887, VOSS e MYERS, 1991)).

Características: Espécie de tamanho médio, (CC= $128,3 \pm 1,6$ n=24; C= $128,1 \pm 2,2$ n=22), cauda aproximadamente igual ao comprimento da cabeça e corpo. Orelha ($16,9 \pm 0,2$ n=24) pequena, quase nua, da mesma coloração do dorso. Pelagem relativamente longa e macia. Cabeça cinza amarelada da região do focinho aos olhos, restante do corpo marrom amarelado, mais escuro na linha média do dorso, mais claro lateralmente, com limite ventrolateral pouco definido. Ventre cinza amarelado. Cauda marrom no dorso, despigmentada ventralmente, pêlos caudais curtos conferem aspecto nu à cauda. Pé ($30,6 \pm 0,3$ n=24) estreito, com pequena membrana entre os dígitos II, III e IV, garras pouco desenvolvidas, com tufo de pêlos perinegais.

O (Tabela 2) crânio é de tamanho médio, rostro curto, nasal longo, região interorbital estreita, com perfil dorsal convexo. Crista supraorbital pouco desenvolvida, quase paralelas divergindo posteriormente, crista temporal presente. Interparietais bem desenvolvidos no sentido antero posterior. Borda anterior da placa zigomática claramente côncava, com ângulo superior projetado anteriormente. Forame incisivo longo e estreito, o extremo posterior atinge linha do M¹. Palato longo, fossa mesoptergóide não atinge a linha do M³. Fossa mesoptergóide um tanto larga, aproximadamente da mesma largura da fossa parapterigóide.

Incisivos superiores opistodontes, séries molares paralelas. Molares superiores com cúspides labiais e linguais opostas. Procíngulo do M¹ elíptico em vista geral, flexo antero mediano geralmente ausente, presente apenas no M¹ pouco gasto. Anterolofos bem desenvolvidos no M²⁻³, ausente no M¹. Mesolofos pouco desenvolvidos ou ausentes, quando presentes projetam-se do muro mediano. Posterolofos presentes molares superiores ainda pouco gastos. Flexídio antero mediano ausente, procíngulo subtriangular, procíngulo do M₂₋₃ fracamente desenvolvido em dentes não gastos ou pouco gastos.

O cariótipo do exemplar UFPB 823 é $2n=56$, $NF=54$.

Pseudoryzomys simplex assemelha-se externamente a *Oryzomys subflavus* e foi confundido com este nas coletas do SNP. Diferencia-se desta última espécie pelo tamanho da cauda, que é aproximadamente igual ao da cabeça e corpo, pela presença de pequena membrana interdigital, e pela linha dorsal marrom escuro mais definida em *P. simplex* que possui também pelagem mais longa. Em *P. simplex* o crânio tem o rostro curto, e a região interorbital estreita, enquanto que *O. subflavus* apresenta região interorbital bem mais larga, e crista supraorbital bem desenvolvida e fortemente convergente. O perfil dorsal convexo distingue *P. simplex* de *O. subflavus* onde o

perfil é mais plano. A borda anterior da placa zigomática é côncava, com ângulo superior projetado anteriormente, este caracter não é tão acentuado em *O. subflavus*. Em *P. simplex* O forame incisivo, é mais longo e estreito, em *O. Subflavus* ele tem as bordas mais curvas. O mesolofo em geral ausente em *P. simplex* está sempre presente e desenvolvido em *O. subflavus*.

Distribuição geográfica: Oeste do Paraguai, Leste da Bolívia, Norte e Nordeste da Argentina. No Brasil encontra-se em Goiás, Minas Gerais Alagoas e Pernambuco. Em PB/PE ocupa somente o Agreste de Pernambuco. Esta distribuição disjunta chama muito a atenção e carece até hoje de uma explicação.

Esta espécie, da qual até recentemente conhecia-se muito pouco mostra uma ampla distribuição geográfica. Às localidades mencionadas por VOSS e MYERS (1991) podemos acrescentar Corumbá de Goiás, Goiás, com base em material coletado por Scott M. Lindbergh em 1991. Os primeiros espécimes completos de Pernambuco foram obtidos por nos na área enzoótica de peste em torno de Pirauá e estavam mal identificados pela SUCAM como *Oryzomys subflavus*. Restos obtidos em bolotas de coruja tinham sido achados em Tapacurá, PE (CRUZ, 2002). Examinamos crânios desta espécie no Museu Nacional, também identificados erroneamente pelo SNP, provenientes de Quebrângulo e Viçosa em Alagoas. Ainda, segundo Stella Franco (comunicação pessoal), existem no Museu Nacional espécimes de Feira de Santana, e Caruaru. O material coletado em Tapacurá, 40 KM W de Recife, foi encontrado em bolos de coruja e encontra-se na Universidade de Michigan.

VOSS e MYERS (1991) acham que o material conhecido pertence a uma única espécie, mas nessa ampla distribuição espacial e temporal é pouco provável que não exista diferenciação. Todavia chama a atenção que os cariótipos de espécimes de Bolívia, Paraguai, Goiás e Pernambuco são semelhantes, $2n=56$. O nome mais antigo é *P. simplex* baseado num crânio fragmentado das cavernas de Lagoa Santa.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **Natuba** (UFPB 808; 809; 814; 815; 817; 819; 820; 824; 828; 830; 4380; 4434; 4467); **Salgado de São Félix** (UFPB 810; 811; 822; 826); PERNAMBUCO: **Macaparana** (UFPB 812; 815; 818; 823; 825; 827; 4435); **São Vicente Ferrer** (UFPB 813).

Rhipidomys mastacalis (Lund, 1840)
"Rato-xuáu, Rato-da-árvore"

Localidade tipo: Rio das Velhas, Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil (LUND, 1840).

Características: Espécie de tamanho médio, (CC= $140,6 \pm 3,6$ n=17; C= $163,1 \pm 3,3$ n=17) cauda grande, sempre maior que cabeça e corpo. Orelha ($19,8 \pm 0,6$ n=18) de tamanho médio, da mesma coloração do dorso. Dorso com pelagem longa e densa, colorida de marrom alaranjado, com linha média dorsal mais escura do que a lateral do corpo, que é mais alaranjada. Olho com anel periocular escurecido. Vibrissas longas e numerosas, ultrapassam em muito a ponta da orelha. A coloração ventral varia de branco a branco amarelado, uniforme. Linha de separação ventrolateral bastante nítida. Cauda marrom escura, com pêlos curtos e escamas visíveis, parte distal da cauda com pêlos longos, em pincel. Pé ($27,4 \pm 2,7$ n=15) de tamanho médio, com mancha marrom escura no dorso até a base dos dígitos que são claros. Este padrão de coloração é característico da espécie e facilita sua identificação.

Crânio (Tabela 2) com rostro curto, afilado na parte anterior, osso nasal curto, região interorbital larga, plana ou com leve depressão dorsal, crista supraorbital levemente marcada, divergente posteriormente. Caixa craniana desenvolvida, oval. Crista parietal pouco desenvolvida, estende-se posteriormente através do parietal, alcança a crista lambdóide. Placa zigomática relativamente estreita, com borda anterior reta ou ligeiramente côncava, ângulo ântero-superior arredondado e pouco projetada anteriormente em vista dorsal. Forame incisivo longo, mais largo na parte posterior. Palato curto, mas a borda anterior da fossa mesopterigoidea que é côncava e com um processo mediano não alcança a lâmina posterior do M³. Fossa parapterigóide aproximadamente da mesma largura que a mesopterigóide. Aberturas esfenopalatinas ausentes ou vestigiais. Bula auditiva pequena. Padrão de circulação carotídea derivado, sem sulco squamoalisfenóide e forame esfenofrontal.

Dentes incisivos superiores de ortodontes a opistodontes. Molares superiores com mesolofa, bem desenvolvido no M¹⁻². Flexo anteromediano bem evidente no M¹ pouco desgastado. Mesolofídio presente.

Espécimes subadultos, com a dentição de desgaste reduzido, coletados em Bezerros PE, (UFPB 4059, 4061) apresentam pelagem dorsal cinza puro e ventre esbranquiçado. O exemplar UFPB 4061 possui o pé com dorso completamente colorido de escuro, até a inserção da garra. Estas variações podem estar relacionadas com a idade.

ZANCHIN *et al.* (1992), estudaram o cariótipo de *Rhipidomys*, incluindo um espécime da localidade tipo de *R. mastacalis* que mostrou $2n=44$, $NF=74$ e um espécime de Caruaru que só permitiu evidenciar o $2n=44$, número comum à maioria das espécies do gênero.

Esta espécie diferencia-se de aquelas de Sigmodontinae do mesmo porte por apresentar vibrissas bastante longas que ultrapassam a ponta da orelha, ventre branco imaculado, cauda longa com tufo de pêlos em pincel na ponta e mancha escura sobre o pé.

Distribuição geográfica: Regiões central e leste do Brasil. TRIBE (1996) restringiu a distribuição desta espécie à Mata Atlântica, de Pernambuco a Rio de Janeiro, e interior de São Paulo e Minas Gerais mas só estudou material pernambucano do Brejo dos Cavalos em Caruaru. Em PB/PE só foi registrado nos Brejos de Altitude não existindo até agora registros na Mata Atlântica e na Caatinga.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **Areia** Loc. 1 (UFPB 3864); PERNAMBUCO: **Bezerras** Loc. 1 (UFPB 4057, 4058, 4059, 4060, 4061); **Brejo da Madre de Deus** Loc. 1 (UFPB 4500, 4816); **Caruaru** Loc. 4 (MN 17364, 12375); Loc. 9 (MN 17366); Loc. 10 (MN 12369, 12378); Loc. 12 (UFPB 2648, 2594, 2573, 2593, 2581, 4386, 2645, 2592, 2572, 947, 2574, 2569, 2589, 2584, 2590, 2578, 2588, 2586; MZUSP 24041); **Inajá** Loc. 1 (UFPE 648, 1323, 1432); **Maraial** Loc. 2 (UFPE/CMB 5); Loc. 3 (UFPE/CMB 10).

Wiedomys pyrrhorhinus (Wied, 1821)
"Rato-de-fava" ou "Rato-bico-de-lacre"

Localidade tipo: Caatinga ao longo do Riacho da Ressaca, entre as Fazendas Tamboril e Ilha, Bahia, Brasil (WIED, 1821, ver ÁVILA-PIRES, 1965).

Características: Espécie de tamanho pequeno a médio, (CC= 108,2±1,9 n=47; C= 160,1±3 n=47) cauda bem mais longa do que cabeça e corpo. Orelha (19,4±0,2 n=49) bem desenvolvida. A pelagem dorsal é cinza amarelada, alaranjada no focinho, na região periocular, na orelha, e na região posterior do corpo e membros posteriores. As vibrissas são longas, mas não ultrapassam a ponta da orelha. O ventre geralmente é branco imaculado, com o limite ventro-lateral bem nítido. A cauda é marrom uniforme dorsal e ventralmente. O pé (25,9 ± 1,8 n=9) é pequeno, com tufo de pêlos peringueais longo.

O crânio (Tabela 2) é pequeno com rostró curto e estreito, a região interorbital é estreita, com crista supraorbital pouco desenvolvida de bordas retas e divergentes posteriormente. Placa zigomática estreita com o ângulo ântero-superior arredondado, não projetado para frente em vista dorsal, a sua borda anterior é geralmente reta. Caixa craniana arredondada, interparietal desenvolvido no sentido antero posterior. Forame incisivo largo e longo, ultrapassa a lâmina anterior do M¹. Palato longo, borda da fossa mesoptergíode geralmente não atinge a lâmina posterior do M³. Fossa mesoptergíode mais estreita do que a fossa paraptergíode. Bula auditiva desenvolvida. Incisivos superiores opistodontes. M¹ com flexo antero mediano presente, enteroestilo e enteroestilídio presentes no M¹ e M², respectivamente. Mesolofó ausente ou rudimentar, mesolofídeo ausente.

Wiedomys pyrrhorhinus distingue-se facilmente das outras espécies

Tabela 2 - Medidas do crânio de Sigmodontinae de PB/PE (Ver p.22 para explicação das medidas).

Medidas	Oryzomys oniscus	Oryzomys subflavus	Oryzomys russatus	Oligoryzomys formosi	Oligoryzomys nigripes	Oligoryzomys stramineus	Pseudoryzomys simplex	Wiedomys pyrrhorhinos
CT	34,0±1,0 n=6	34,2±0,2 n=87	34,7 n=1	22,7±0,4 n=7	24,7±0,3 n=6	26,5±0,1 n=3	30,8±0,4 n=19	28,1±0,2 n=25
CCI	*	32,0±0,2 n=25	31,2 n=1	20,1±0,3 n=6	21,6±0,6 n=7	24,2±0,3 n=2	28,4±0,2 n=18	25,3±0,3 n=26
CFI	4,8±0,1 n=9	6,9±0,0 n=93	6,2±0,2 n=2	4,3±0,1 n=7	4,9±0,1 n=46	5,5±0,1 n=4	6,3±0,0 n=25	6,0±0,1 n=30
LFI	2,2±0,0 n=9	2,5±0,0 n=94	1,9±0,0 n=2	1,7±0,3 n=7	1,5±0,1 n=8	1,8±0,1 n=4	1,8±0,0 n=25	2,1±0,05 n=30
CD	8,4±0,2 n=9	9,2±0,0 n=94	8,6±0,7 n=2	5,6±0,1 n=7	6,0±0,1 n=8	6,6±0,1 n=4	8,0±0,0 n=25	6,5±0,1 n=28
LP	6,2±0,1 n=8	6,0±0,0 n=93	5,7±0,0 n=2	4,3±0,1 n=7	4,5±0,1 n=8	4,6±0,1 n=4	5,9±0,0 n=24	4,7±0,1 n=26
CSM	5,1±0,0 n=6	4,9±0,0 n=83	4,5 n=1	2,9±0,1 n=6	3,5±0,1 n=8	3,7±0,1 n=4	5,0±0,0 n=25	4,4±0,1 n=19
LZ	17,0±0,4 n=7	17,4±0,1 n=79	16,4±0,5 n=2	12,1±12,0 n=0,1	12,3±0,3 n=6	13,2±0 n=1	16,2±0,1 n=24	14,1±0,2 n=21
LI	5,1±0,1 n=9	5,7±0,0 n=93	5,0±0,1 n=2	4,0±0,1 n=6	3,8±0,0 n=7	3,9±0,1 n=3	4,0±0,0 n=25	4,4±0,0 n=30
ACC	8,7±0,04 n=7	9,5±0,05 n=71	-	-	-	-	9,1±0,10 n=19	8,6 n=1
LCC	*	12,5±0,1 n=27	12,8±0,5 n=2	10,3±0,0 n=6	10,7±0,2 n=7	11,2±0,1 n=3	12,5±0,1 n=22	12,3±0,1 n=26
CIM	*	16,2±0,1 n=10	14,6 n=1	10,3±0,2 n=6	10,9±0,4 n=6	12,2±0,2 n=3	14,8±0,1 n=24	12,5±0,1 n=26

* Medidas não disponíveis.

de pequenos ratos de rabo comprido que ocorrem em PB/PE pela coloração vermelho alaranjado do focinho, orelhas, parte posterior do dorso e membros posteriores. O crânio difere do das outras espécies por sua singular combinação de caracteres, ver HERSHKOVITZ (1959).

MAIA e LANGGUTH (1981) estudaram o seu cariótipo, $2n=62$; $NF=86$.

Distribuição geográfica: Semi-árido do Nordeste do Brasil até Minas Gerais. Em PB/PE foi registrado na Caatinga e no Agreste de Pernambuco.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **Natuba** (UFPB 236, 248, 233, 245, 2651, 251, 237, 2655); **Salgado de São Félix** (UFPB 241, 254); **Teixeira** (UFPB 2662); **Pombal** (UFPB 243); PERNAMBUCO: **Belo Jardim** (MN 18591); **Caruaru** (MN 18666, 18667, 18668, 18692, 18693, 18697, 18696, 18695); **Exú** (MZUSP 21736); **Garanhuns** (MN 18606, 18607, 18608, 18611, 18609, 18610, 18577, 18573, 18569, 18570, 18572, 18618); **São Bento do Una** (MN 18679, 18675); **Triunfo** (MN 18578, 18586).

Família Echimyidae

Phyllomys blainvillii (Jourdan, 1837)

“Rato-coendu-rabo-de-tufo”

Localidade tipo: Seabra, Bahia, Brasil (JOURDAN, 1837, restrita por EMMONS *et al.*, 2002).

Características: Espécie de tamanho médio, (CC= 228 mm $n=1$; C= 265 mm $n=1$) cauda maior do que cabeça e corpo. Orelha relativamente pequena (16 mm $n=1$), de mesma coloração que o dorso. As vibrissas são bastante longas, ultrapassando em muito a ponta da orelha. A pelagem é espinhosa por todo o corpo, e a cor do dorso é marrom alaranjado salpicado de negro, bem mais alaranjado na lateral da cabeça e corpo. O ventre é creme alaranjado uniforme. A cauda é marrom, pouco mais acinzentada no ventre, as escamas são grandes e visíveis, e os pêlos aumentam em tamanho e densidade na metade distal, formando um pincel na ponta. Os pés (39 mm $n=1$) são de tamanho médio e largos, adaptados à vida arbórea.

O crânio (Tabela 3) é longo e estreito, rostro proporcionalmente curto, região interorbital larga, com cristas supraorbitais retas e ligeiramente divergentes para atrás. Forame incisivo estreito e com lados paralelos. Fossa mesoptergóide atinge lâmina anterior do M^3 . Aberturas esfenopalatinas ausentes. Bula auditiva muito grande

O gênero foi revisado recentemente por EMMONS *et al.* (2002) e LEITE (2003).

Distribuição geográfica: Interior do Nordeste do Brasil, do Ceará a Minas Gerais. Em PB/PE só foi registrada na Mata Atlântica.

Espécimes examinados: PARAÍBA: João Pessoa (UFPB 4817); PERNAMBUCO: Garanhuns Loc.12 (MN 21514, 21515, 21516); Igarassú Loc. 1 (UFPB, 4501; UFPE 740).

Phyllomys lamarum (Thomas, 1916)
"Rato-coendú-de-Lamarão"

Localidade tipo: Lamarão, Bahia, Brasil (THOMAS, 1916).

Características: Espécie de tamanho médio, (CC= $200 \pm 2,2$ n=5; C= $224 \pm 3,3$ n=5) cauda maior do que cabeça e corpo. A orelha ($9,4 \pm 0,7$ n=5) é pequena em relação a *P. blainvillii*. O dorso é marrom amarelado com um salpicado escuro, dado pelos espinhos que são mais claros na base e enegrecem em direção à ponta, que é alaranjada, a extremidade do espinho apresenta-se de forma filamentosa, em forma de "chicote". A cauda é finamente pilosa, com escamas visíveis por todo o seu comprimento. O pé ($36,4 \pm 1,5$ n=5), curto e largo, é de tamanho médio.

O crânio (Tabela 3) é estreito, mais curto do que *P. blainvillii*, com curvas suaves, cristas supraorbitais desenvolvidas, retas e ligeiramente divergentes para atrás. A fossa mesopterigóide é longa, alcança a lâmina posterior do M².

P. lamarum diferencia-se de *P. blainvillii* por apresentar coloração dorsal mais alaranjada, cauda quase nua, e o tufo de pêlos longos na ponta da cauda ausente. O crânio de *P. lamarum* é mais curto e largo, o forame incisivo é menor e pouco mais largo, o rostro tende a ser curto (EMMONS *et al.* 2002). Os espécimes examinados no MZUSP apresentam a cauda sempre maior que cabeça e corpo discrepando do observado por EMMONS *et al.* (2002), que afirmam ser o comprimento da cauda menor ou igual ao tamanho da cabeça e corpo. THOMAS (1916) também descreve a cauda menor que cabeça e corpo.

Distribuição geográfica: Conhecido de três localidades em Minas Gerais, na Bahia e na Paraíba. Em PB/PE a espécie só foi registrada na Mata Atlântica da Paraíba.

Espécimes examinados: PARAÍBA: Mamanguape Loc. 2 (MZUSP 8413, 8414, 8415, 8416, 8417, 8418).

Phyllomys pattoni Emmons, Leite, Kock e Costa, 2002
"Rato-coendú-do-Dr.Patton"

Localidade tipo: Mangue do Caritoti, Caravelas, Bahia, Brasil, 17° 43' 30" S, 39° 15' 35" W (EMMONS, LEITE, KOCK e COSTA, 2002).

Características: Espécie de tamanho médio, (CC= 206,5±3 n=2; C= 209 n=1), cauda pouco maior que cabeça e corpo. Orelha (15 n=2) pequena, de cor escura. Pé (37±1,7 n=2) proporcionalmente pequeno e largo. O dorso é de cor marrom alaranjado, mais claro na lateral do corpo e cabeça. O ventre é creme alaranjado, mais claro que a lateral do corpo, com linha esbranquiçada da região gular à inguinal. A cauda está danificada no espécime examinado. EMMONS *et al.* (2002) descrevem-na sendo marrom acinzentada, escura dorsalmente, coberta de escamas hexagonais, com três pêlos emergindo distalmente em cada uma delas. Pêlos da cauda curtos na base (3,5 mm), longos na ponta (2 cm).

O crânio (Tabela 3) é relativamente curto, se comparado a *P. blainvillii*, com rostro curto e robusto, o osso nasal expande-se ântero-lateralmente. A região interorbital é larga, as cristas supraorbitais são desenvolvidas e divergem posteriormente. O forame incisivo é curto, oval. A fossa mesopterigóide apresenta borda com reentrância acentuada, em forma de V, e ultrapassa bastante a lâmina posterior do M². Os dentes premolares e molares superiores são laminados.

P. pattoni assemelha-se a *P. lamarum* em seus caracteres externos, mas este último possui os pêlos aristiformes com a parte distal mais afilada e coloração dorsal mais amarelada. O crânio de *P. lamarum* é menor, mais estreito e menos robusto, com crista supraorbital pouco desenvolvida em relação a *P. pattoni*. (EMMONS *et al.* 2002)

Se comparado a *P. blainvillii*, *P. pattoni* apresenta rostro mais curto, cristas supraorbitais mais divergentes, fossa mesopterigóide com reentrância mais profunda e mais aguda do que *P. blainvillii*.

Distribuição geográfica: Leste do Brasil, ao longo da Floresta Atlântica da Paraíba a São Paulo. Em PB/PE só foi registrada na Mata Atlântica da Paraíba e Pernambuco.

Espécimes examinados: PARAIBA: João Pessoa (UFPB 774); Mamanguape (UFPB 4699).

Thrichomys laurentius (Thomas, 1904)
"Punaré" ou "rabudo"

Localidade tipo: São Lourenço da Mata, Pernambuco, Brasil (THOMAS,

1904b).

Características: Espécie de tamanho médio, (CC= 197 n=16; C= 167 n=16), cauda geralmente pouco menor do que cabeça e corpo. Orelha (23 n=16), grande, escura, com tufo de pêlos na base e na porção média do lobo posterior, quando adultos velhos. Vibrissas longas, podem ultrapassar a ponta da orelha. Manchas brancas na base da orelha e acima do olho presentes, às vezes presente abaixo do olho. Pêlos dorsais longos, macios, sem espinhas, lisos. A coloração geral do dorso é cinza amarronzada, grisalha de amarelado, ficando gradativamente mais clara na lateral do corpo. Ventre branco imaculado, às vezes creme na região torácica e inguinal. Dorso da cauda marrom, cinza claro ventralmente, com pelagem densa que dificulta a visualização das escamas. Pé (43 n=16) grande, com dorso acinzentado, tufo de pêlos peri-ungueais presente, mas não cobrem por inteiro a garra.

O crânio (Tabela 3) é longo. O rostro é curto. A região interorbital é larga, as cristas supraorbitais estão presentes, pouco divergentes na porção médio-distal, e com expansão lateral no canto posterior do frontal. Esta projeção coincide com a crista pós-orbital, que é pouco definida. Crista temporal ausente. Forame incisivo curto e largo, oval. Forame interpremaxilar presente, forames palatinos anteriores desenvolvidos. Palato curto, a borda anterior da fossa mesopterigóide ultrapassa a lâmina posterior do M3. Fossa mesopterigóide larga, com aberturas esfenopalatinas bastante desenvolvidas. Abertura petrotimpânica desenvolvida. Bula auditiva grande. Incisivos superiores opistodontes, com porção anterior de cor laranja. Premolar superior trilofodonte e o inferior tetralofodonte, quando pouco gastos. Molares superiores com paraflexo e mataflexo desenvolvidos, quando pouco gastos. Nos dentes que sofreram desgaste avançado, os flexos parecem inexistentes, formando-se ilhas de esmalte.

O cariótipo possui $2n= 30$, $NF= 54$ (BONVICINO *et al.*, 2002).

REIS *et al.* (2002) estudaram material do leste do Brasil, e detectaram variação na morfologia craniana entre populações ao norte e ao sul do rio São Francisco. Estes autores atribuíram estas variações a eventos históricos. BONVICINO *et al.* (2002) analisando toda a informação cromossômica disponível, identificaram uma área que se estende do Nordeste do Ceará até a Bahia onde existem punarés com o $2n= 30$, $NF= 54$ Trata-se de uma espécie para a qual o nome *T. laurentius* (Thomas, 1904) está disponível. As pequenas diferenças morfológicas que levaram a reconhecer subespécies (CABRERA, 1961) parecem ter uma correlação com o cariótipo sustentando o reconhecimento de espécies diferentes.

Thrichomys aperioides diferencia-se facilmente de *Phyllomys* pelas características da pelagem, que é escura, brilhosa e macia, sem espinhos dorsais. O crânio apresenta cristas supraorbitais com porção médio-distal mais divergentes posteriormente, o forame incisivo é mais aberto e as aberturas esfenopalatinas bem desenvolvidas em *Thrichomys*. Os molares de *Phyllomys* são laminados mas com flexos bem definidos em *Thrichomys*. Os

dois pequenos forames localizados no palato entre a lamina anterior de ambos M¹ são muito conspicuos e distinguem facilmente esta espécie dos outros echimiídeos.

Distribuição geográfica: Brasil, na região Nordeste. Em PB/PE está distribuído principalmente pelo semi-árido, mas penetra nas áreas pedregosas da Mata Atlântica e Brejos de Altitude.

Tabela 3 - Medidas do crânio de Caviidae Echimyidae e Sciuridae de PB/PE (Ver p.22 para explicação das medidas).

Medida	<i>Kerodon rupestris</i>	<i>Galea spixii</i>	<i>Trichomys apereoides</i>	<i>Phyllomys lamarum</i>	<i>Phyllomys pattoni</i>	<i>Phyllomys blainvillii</i>	<i>Sciurus aestuans</i>
CT	67,5±0,8 n=21	55,7±0,3 n=93	47,4±1,0 n=37	48,4±1,4 n=6	*	*	44,8±2,0 n=3
CCI	61,5±0,8 n=17	48,8±0,3 n=95	*	18,4±0,6 n=0,6	40,9 n=1	44,4±4,3 n=2	41,3±0,3 n=2
CFI	6,3±1,0 n=4	5,3±0,1 n=19	5,0±0,1 n=39	5,9±0,4 n=5	*	*	3,1±0,0 n=2
LFI	1,0±0,1 n=4	1,5±0,0 n=19	3,5±0,1 n=39	1,8±0,2 n=5	*	*	1,8±0,1 n=2
CD	19,4±0,3 n=26	14,1±0,1 n=97	-	10,1±0,3 n=6	9,5 n=1	10,5±1,4 n=2	13,1±0,1 n=2
LP	7,4±0,3 n=8	5,3±0,1 n=26	8,0±0,1 n=39	5,9±0,3 n=5	*	*	8,6±0,1 n=3
CSM	13,4±0,2 n=25	12,3±0,1 n=98	8,0±0,2 n=38	11,4±0,5 n=6	10,4 n=1	11,6±1,2 n=2	6,9±0,1 n=3
LZ	31,8±0,4 n=25	29,3±0,2 n=90	23,7±0,4 n=37	22,9±0,6 n=0,6	22,6 n=1	23,8±0,7 n=2	27,2±0,4 n=2
LI	15,9±0,2 n=25	11,6±0,0 n=98	10,5±0,1 n=39	11,1±0,6 n=5	*	11,4±0,6 n=2	15,0±0,0 n=3
ACC	17,5±0,1 n=21	15,0±0,1 n=55	12,4±0,1 n=37	*	*	*	16,2±0,3 n=3
LCC	25,9±0,2 n=22	22,1±0,1 n=97	18,1±0,2 n=6	12,9±0,2 n=5	18,5 n=1	18,3±0,1 n=2	20,5±0,3 n=3
CJM	*	28,9±0,4 n=28	*	23,0±0,0 n=1	22,2 n=1	24,5±1,9 n=2	*

* Medidas não disponíveis.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **Cabaceiras** Loc. 1 (UFPB 880, 890, 894; 896, 912; 909); **João Pessoa** (UFPB 883, 898); **Macaparana** (UFPB 895, 905); **Natuba** (UFPB 878, 902, 906, 907); **Pombal** (UFPB 901, 908); **Salgado de São Félix** (UFPB 889, 893, 897, 904, 910, 911); **Sapé** (UFPB 900; 949, 950); **Teixeira** (UFPB 884, 887, 899, 903, 914, 916, 917). PERNAMBUCO: **Alagoinha** Loc. 1 (MN 42167); **Caruaru** (MN 22091); **Exú** (UFPB 1050; MZUSP 25848, 25838, 25845, 25843); Loc. 4 (MZUSP 26670, 26672; 26673); Loc. 6 (MZUSP 26676, 26678); Loc. 5 (MZUSP 26674); Loc. 7 (MZUSP 26666) **Garanhuns** Loc. 39 (MN 13678, 13694); Loc. 40 (MN 13695); Loc. 17 (MN 13672); **Pesqueira** Loc. 13 (MN 22081); **Triunfo** Loc. 10 (MN 14510); Loc. 16 (MN 14509).

Família Caviidae

Cavia aperea Erxleben, 1777 "Preá-da-mata"

Localidade tipo: Pernambuco, Brasil (ERXLEBEN, 1777).

Características: Espécie maior que *Galea* (CC= 220 n=1, exemplar AX 8720 de Saltinho ver XIMENEZ, 1980) com coloração dorsal marrom escuro brilhoso, pouco grisalho de alaranjado, mais claro na região lateral do corpo. Região periocular desnuda, mais clara que o restante da cabeça mas sem anel definido. Orelha (20, n=1) da mesma cor do corpo. Ventre cinza amarelado, mais acinzentado na região gular. Dorso do pé com a mesma coloração da lateral do corpo. Cauda ausente. Pé (44.9, n=1) com dorso pouco piloso, da mesma cor da região lateral do corpo, com garras bem desenvolvidas.

Crânio (Tabela 4) com depressão na região interorbital ausente e borda do frontal expandida lateralmente. Crista temporal desenvolvida. Crista sagital presente. Interparietal reduzido. O forame incisivo é curto e estreito, pouco mais largo posteriormente. O palato é curto, e a borda da fossa mesopterigóide alcança a lâmina anterior do M³. Aberturas esfenopalatinas ausentes. Dentes incisivos superiores brancos anterior e posteriormente, pouco proodontes. Prismas dos molares superiores intercalados por uma parede de cimento. Fenda do M³ pouco profunda. O processo angular da mandíbula é bastante desenvolvido. XIMENEZ (1980) estudou crânios de *Cavia aperea* capturadas em Saltinho Rio Formoso, PE, e observou a presença do osso lacrimal interceptando o arco anteorbital do maxilar.

O cariótipo, 2n= 64, NF= 116, foi descrito por MAIA (1981, 1984) nos exemplares PMN 253, 276 (= UFPB 2084), 292, e 457.

Distribuição geográfica: Colômbia, Equador, Venezuela, Guianas, norte da Argentina, Uruguai, Paraguai. No Brasil esta espécie ocupa a região de Mata Atlântica desde Pernambuco até São Paulo. Em PB/PE e a única localidade de coleta foi Saltinho Pe.

Espécimes examinados: PERNAMBUCO: Rio Formoso Loc. 1 (UFPB 2084 = PMN 276, 2085 = PMN 267).

Tabela 4 - Medidas do crânio de *Cavia aperea*, média de 5 exemplares (Tomado de XIMENES (1980), ver ali explicação das medidas).

Comprimento total	59.8	C. da serie molar inferior	13.4
C. basal	49.9	Largura da caixa craniana	24.5
C. côndilo-basal	54.7	L. interorbitaria	11.0
C. palatal	13.8	L. zigomatica	33.6
C. dos nasais	18.8	L. rostral	9.5
C. dos frontais	18.4	Altura do crânio	15.9
C. dos parietais	21.1	Altura da mandíbula,	14.8
C. do diastema	15.1	L. transv. prisma ant. do M ²	2.3
C. da serie molar superior	14.0	Comprimento do M ³ .	3.1

Galea spixii (Wagler, 1831)

“Preá”

Localidade tipo: Brasil (WAGLER, 1831, restrita a Lagoa Santa, Minas Gerais, por CABRERA, 1961).

Características: Espécie menor do que *Cavia aperea* (CC = 240,9±2,1 n = 114), orelha pequena (26,3±0,3 n = 113) da mesma coloração dorsal. Cauda ausente. A pelagem dorsal é longa e lisa, menos brilhosa do que *Cavia*. A cor varia de acinzentada a amarronzada clara, sempre grisalha de cor amarelada ou alaranjada. Este último padrão é mais comum nos espécimes menores. Região periocular formando um anel claro, com pêlos esbranquiçados. Tufo de pêlos claros atrás da orelha geralmente presente. A cor do ventre varia de branco sujo a branco amarelado, mais escuro na região gular. Região do mento desnuda, granulosa. O pé (49,7 ± n=3,9) é bastante piloso, da mesma cor da região lateral do corpo, com garras menos desenvolvidas do que *Cavia aperea*.

O crânio (Tabela 3) de *Galea spixii* é menor do que o de *Cavia aperea* e *Kerodon rupestris*, dorso convexo em vista lateral, rostró curto e largo. A região interorbital é larga, com bordas frontais bastante côncavas e pouco expandidas lateralmente. Cristas sagital e temporal ausentes. Interparietal distinto. O forame incisivo é curto e estreito, não expandido posteriormente. O palato é curto, a borda da fossa mesopterigóide atinge a lâmina anterior do

M³. Aberturas esfenopalatinas ausentes. Incisivos superiores de ortodontes a opistodontes, de cor laranja na parte anterior. PM⁴ e molares superiores bilobados, com parede de cimento ausente. Ramo anteorbitário do maxilar interceptado pelo lacrimal. O processo angular da mandíbula desenvolvido.

O cariótipo desta espécie apresenta 2n=64, NF= 118 (PMN 77, 80, 83, 76, 142, 164) segundo MAIA e HULAK (1978) e MAIA (1984).

ÁVILA-PIRES (1982) reconheceu a existência de *G. saxatilis*, das áreas de altitude da Serra do Cipó, MG. Diferenciou esta espécie de *Galea spixii* através de características cranianas, como a ausência de convexidade no perfil dorsal, rostro alongado como em *Kerodon*, comprimento maior do processo angular da mandíbula, e lacrimal que intercepta o ramo anteorbitário do maxilar.

Este é o preá mais comum nas áreas abertas da PB/PE. Ele diferencia-se dos do gênero *Cavia* por possuir um aro de cor mais clara ao redor dos olhos e os incisivos de cor amarelada.

Distribuição geográfica: Leste dos Andes, Bolívia. No Brasil ocupa a região Nordeste. Em PB/PE ocupa todo o semi-árido e penetra na região de Mata Atlântica acompanhando o desmatamento.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **Algoinha** Loc. 1 (UFPB 2129); **Cabaceiras** (UFPB 2175); **Cajazeiras** (UFPB 3450, 3451, 3453, 3456); **Coremas** (MZUSP, 8458-8461); **João Pessoa** Loc. 2 (UFPB 2094, 2095, 2111, 2112, 2114, 2123, 2124, 2126, 2128, 2131, 2133, 2134, 2135, 2140-2142); **Natuba** (UFPB 2168, 2176, 2174); **Pombal** (UFPB 2177); **Patos** (UFPB 3777); **Princesa Isabel** Loc. 13 (MN 34861, 34877); **Salgado de São Félix** (UFPB 2173); PERNAMBUCO: **Bodocó** Loc. 6 (MN 22297, 34633, 34673, 34680, 34683); Loc. 7 (MN 34639, 34568, 34672, 34698); Loc. 8 (MN 34634); **Caruaru** (MN 34896); Loc. 6 (MN 34901, 34902); Loc. 11 (MN 34897, 34900); **Exú** (MZUSP 25313, 25251, 25252, 25254 - 25256, 25260, 25261, 25263, 25264, 25269, 25271, 25272); Loc. 4 (MZUSP 25247, 25248); **São Caetano** Loc. 1 (MN 34893); Loc. 2 (MN 34895, 34899, 34903); **Triunfo** Loc. 14 (MN 34884); Loc. 15 (MN 34862); Loc. 16 (MN 34865, 34873); Loc. 17 (MN 34866); Loc. 18 (MN 34864, 34870); Loc. 19 (MN 34868, 34885) **Pesqueira** Loc. 15 (MN 34718, 34725); Loc. 16 (MN 34702, 34703, 34705, 34706, 34719); Loc. 17 (MN 34710); Loc. 18 (MN 34715); **Garanhuns** (MN 34784); Loc. 21 (MN 34803); Loc. 22 (MN 34782, 34804, 34807, 34808); Loc. 23 (MN 34806); Loc. 24 (MN 34809); Loc. 25 (MN 34796); Loc. 26 (MN 34805).

Kerodon rupestris (Wied, 1820)

"Mocó"

Localidade tipo: Rio Belmonte, Bahia, Brasil (WIED, 1820; CABRERA,

1961).

Características: Espécie grande (CC= 315,2±5,7 n= 30) semelhante a *Cavia* e *Galea*. Cauda ausente. Orelha curta (26,5±0,8 n= 30) com mesmo padrão de colorido do dorso. A pelagem é macia e brilhosa, com padrão geral de cor acinzentada no dorso formado por um grisalho de pêlos escuros e esbranquiçados. Os pêlos setiformes apresentam base e parte distal de cor cinza, e parte média esbranquiçada ou amarelada. A faixa central que se estende desde o focinho até a região posterior do corpo é pouco mais escura do que as laterais do corpo. A bochecha é cinza claro, e a região periocular escura, rodeada de pêlos curtos e esbranquiçados. Vibrissas grossas e longas estendem-se além da ponta da orelha. Pêlos ciliares presentes. Tufo de pêlos esbranquiçados no lobo interno da orelha. Região da anca e dorso dos membros posteriores avermelhados, com tom ferrugíneo. O ventre é esbranquiçado, acinzentado ou amarelado na região gular. Mãos e pés bastante enegrecidos no ventre, com almofadas plantares e digitais bastante desenvolvidas. Pés longos (61,3 ± 5,7 n=3), com garras curtas e grossas.

Crânio (Tabela 3) de tamanho grande longo e estreito, com rostro bastante longo em vista dorsal, mais estreito em vista ventral. A região interorbital é larga, com borda do frontal côncava, expandida lateralmente. Cristas supraorbital, temporal e sagital ausentes. Interparietal reduzido nos espécimes velhos. Ramo anteorbitário do maxilar formado pelo maxilar e lacrimal. Parte anterior do jugal a curta distância da região posterior do forame infraorbital. Forame incisivo bastante reduzido, estreito. Palato curto, a borda da fossa mesoptergóide pode atingir a lâmina anterior do M². Fossa mesoptergóide estreita, com aberturas esfenopalatinas ausentes. Incisivos superiores opistodontes; dentes molares bilobados, parede de cimento ausente.

Distribuição geográfica: Nordeste do Brasil, do Piauí ao norte de Minas Gerais. Em PB/PE distribui-se pela região semi-árida.

Espécimes examinados: PARAÍBA: **Cabaceiras** Loc. 1 (UFPB 919–921) **Patos** (UFPB 3772). PERNAMBUCO: **Bodocó** Loc. 9 (MN 26721, 26722); Loc. 10 (MN 26718, 26720); Loc. 11 (MN 26705–26707); **Exú** (MN 26703; MZUSP 25314, 25315, 25312); Loc. 2 (MN 26700–26702); Loc. 3 (MN 267012); Loc. 6 (MZUSP 25306, 25307, 25309, 25310); **Garanhuns** (MN 26753); Loc. 28 (MN 26732); **Pesqueira** Loc. 4 (MN 26731); Loc. 19 (MN 26730); **Poção** (MN 1476, 1477); **Triunfo** Loc. 18 (MN 26728).

Família Sciuridae

Sciurus alphonsei Thomas 1906 "Esquilo, caxinguelê"

Localidade tipo: São Lourenço da Mata, Pernambuco (THOMAS, 1906).

Características: Espécie de tamanho médio (CC= $156,7 \pm 12,9$ n = 4; C= 168 ± 10 n = 4). Orelha pequena ($18,6 \pm 1,0$ n=5) coberta de pêlos marrom ferrugíneo. Pelagem dorsal densa e macia, colorida de marrom oliváceo, grisalho de alaranjado, cor uniforme do focinho ao terço proximal da cauda. Região do topo da cabeça mais brilhosa, e região periorcular mais clara, com pêlos curtos alaranjados. Ventre esbranquiçado, mais claro na região gular e inguinal, mais amarelado na região abdominal. Cauda muito pilosa, com o 1/3 proximal da mesma cor que o dorso, 2/3 distal mais grisalho com ponta dos pêlos mais amarelada do que alaranjada. Pé desenvolvido (44 n=2), com dorso alaranjado.

Crânio (Tabela 3) de tamanho médio. Dorso bastante convexo em vista lateral. Rostro curto, truncado, expandido lateralmente na parte posterior. Região interorbital larga com borda frontal bastante expandida lateralmente. Processo pós-orbital bastante desenvolvido. Cristas temporal e sagital ausentes. Interparietal pouco distinto. Forame incisivo curto, mais largo posteriormente. Palato longo, a borda da fossa mesopterigóide não alcança a lâmina posterior do M^3 . Aberturas esfenopalatinas ausentes.

O cariótipo desta espécie em PB/PE apresenta $2n=40$, $NF=76$ (UFPB 2980, LIMA e LANGGUTH, 2002)

Distribuição geográfica: Brasil, distribui-se pelo Leste do Pará, e do Maranhão e pela Mata Atlântica do Nordeste ao Norte do Rio São Francisco (VIVO, 1997). Em PB/PE ocupa a região da Mata Atlântica.

Espécimes examinados: PARAÍBA: João Pessoa Loc. 3 (UFPB 2980, 2981); Mamanguape Loc. 3 (MZUSP 8420); Loc. 2 (MZUSP 8421); PERNAMBUCO: Vicência (MZUSP 26828).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Stella Franco, João A. Oliveira, e Luis Flamarion B. Oliveira, do Museu Nacional, a Mário De Vivo do Museu de Zoologia da USP e a Antônio Rossano Mendes Pontes do Depto. de Zoologia da UFPE pela valiosa ajuda oportunidade da consulta a estas coleções de mamíferos. Ana C. G. P. Falcão colaborou na coleção da

UFPB. Alexandre Percequillo fez valiosas sugestões sobre o manuscrito, Cibele R. Bonvicino forneceu importantes informações. Maria da Penha Silva, Fernando S. Lima e Marcos A. N. de Sousa colaboraram no trabalho em citogenética. Joaquim Leite e Pedro Jusselino Filho deram valiosa colaboração no trabalho de campo e de laboratório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE-LIMA, D. 1961 -Tipos de Floresta de Pernambuco. *An. Assoc. Geógrafos Bras.* 12: 69-85.
- ANDRADES-MIRANDA, J.; OLIVEIRA, L.F.B.; LIMA-ROSA, C.A.V.; NUNES, A.P.; ZANCHIN, N.I.T. e MATTEVI, M.S. 2001 - Chromosome studies of seven species of *Oligoryzomys* (Rodentia: Sigmodontinae) from Brazil. *J. Mamm.* 82(4): 1080-1091.
- AVILA-PIRES, F.D. 1965 - The type specimens of Brazilian mammals collected by Prince Maximilian zu Wied. *Amer. Mus. Novitates* 2209:1-21.
- AVILA-PIRES, F.D. 1982 - Notas taxonômicas sobre Caviidae brasileiros (Mammalia, Rodentia). *Rev. Nordestina Biol.* 5(2): 259 -268.
- BONVICINO, C.R. 1994 - **Especiação do Rato D'água *Nectomys* (Rodentia, Cricetidae): Abordagem Cariológica, Morfológica e Geográfica.** Tese de Doutorado Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. viii + 274p.
- BOVINCINO, C.R. e ALMEIDA, F.C. 2000 - Karyotype, morphology and taxonomic status of *Calomys expulsus* (Rodentia : Sigmodontinae). *Mammalia* 64(3): 339-351.
- BONVICINO, C.R.; D'ÁNDREA, P.S.; CERQUEIRA, R. e SEUÁNEZ. H.N. 1996 - The chromosomes of *Nectomys* (Rodentia, Cricetidae) with 2N=52, 56, and interspecific hybrids (2N=54). *Cytog. Cell Genet.* 73: 190-193.
- BONVICINO, C.R.; LIMA, J.F.S, e ALMEIDA, F.C. 2003 - A new species of *Calomys* Waterhouse (Rodentia, Sigmodontinae) from the Cerrado of Central Brazil. *Rev. Brasil. Zool.* 20(2): 301-307.
- BOVINCINO, C. R.; OTAZU, I.B. e D'ÁNDREA, P.S. 2002 - Karyologic evidence of diversification of the genus *Thricomys* (Rodentia, Echimyidae). *Cytogenet. Genome Res.* 97: 200-204.
- BOVINCINO, C.R. e WESKSLER, M. 1998 - A new species of *Oligoryzomys* (Rodentia, Sigmodontidae) from northeastern and central Brazil. *Z. Säugetierkunde* 63(2): 90-103.
- BRANTS, A. 1827 - **Het Geslacht der Muizen door Linnaeus opgesteld volgens de tegenswoordige Toestand der Wentenschap in Soorten verdeeld.** Akad. Boekdrukkery, Berlin. 194p.
- BRAUN, J.K.; VAN DEN BUSSCHE, R.A.; MORTON, P.K. e MARES, M.A. 2005 - Phylogenetic and biogeographic relationships of mouse opossums *Thylamys* (Didelphimorphia, Didelphidae) in southern South America. *J. Mamm.* 86(1): 147-159.
- BURMEISTER, C.H. 1854 - **Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens, Welche während einer Reise durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas geraës gesammelt oder beobachtet wurden. Pt. 1. Säugethiere (Mammalia).** Berlin: George Reimer. 341 p.
- CABRERA, A. 1958 - Catálogo de los mamíferos de América del Sur. *Rev. Mus. Argentino Cien. Nat. "Bernardino Rivadavia", Cien. Zool.* 4(1): 1 308.
- CABRERA, A. 1961 - Catálogo de los mamíferos de América del Sur. *Rev. Mus. Argentino Cien. Nat. "Bernardino Rivadavia", Cien. Zool.* 4(2): 309-732.

- CERQUEIRA, R. 1985 - The distribution of *Didelphis* in South America (Polyprotodontia, Didelphidae). *J. Biogeog.* 12: 135-145.
- CERQUEIRA, R. e LEMOS, B. 2000 - Morphometric differentiation between Neotropical black-eared opossums, *Didelphis marsupialis* and *D. aurita* (Didelphimorphia, Didelphidae). *Mammalia* 64: 319-327.
- CRUZ, M. A. M. da 2002 - Diversidade da mastofauna no Estado de Pernambuco. pp. 557 - 579. *In: Tabarelli, M. Cardoso, J. M. (Eds.), Diagnóstico da Biodiversidade de Pernambuco* Vol. 2. Secretaria da Ciência Tecnologia e 55Meio Ambiente, Recife.
- DESMAREST, A.G. 1817 - Didelphie; pp. 417-433. *In: Nouveau Dictionnaire d' Histoire naturelle* (Nouv. Éd.). Vol. 9. Paris.
- EMMONS, L.H. e FEER, F. 1997 - **Neotropical Rain Forest Mammals: A Field Guide.** The University Chicago Press, Chicago and London. 307p.
- EMMONS, L.H.; LEITE, Y.L.R., KOCK, D. e COSTA, L.P. 2002 - A review of the named forms of *Phyllomys* (Rodentia: Echimyidae) with the description of a new species from coastal Brazil. *Amer. Mus. Novitates.* 3380: 1-40.
- ERXLEBEN, I.C.P. 1777 - **Sistema regni animalis per classes, ordines, genera, species, varietates cum synonymia et historia animalium. Classis I, Mammalia:** i-xlvi, 1-639 (1-64). Leipzig.
- FAGUNDES, V.; CHRISTOFF, A.U. e YONENAGA-YASSUDA, Y. 1998 - Extraordinary chromosomal polymorphism with 28 different karyotypes in the neotropical species *Akodon cursor* (Muridae, Sigmodontinae), one of the smallest diploid number in rodents (2n = 16, 15, 14). *Hereditas*, 129: 263-274.
- FONSECA, G.A.B.; HERRMANN, G., LEITE, Y.L.R., MITTERMEIER, R.A., RYLANDS, A.B. e PATTON, J.L. 1996 - Lista anotada dos mamíferos do Brasil. *Occ. Pap. Conserv. Biol.* 4: 1-38.
- GARDNER, A.L. 1993 - Order Didelphimorphia; pp. 15-23. *In: WILSON, D.E. e REEDER, D.M. (Eds). Mammal species of the World.* Smithsonian Institution Press, Washington DC. 1207p.
- GARDNER, A.L. e CREIGHTON, G.K. 1989 - A new generic name for Tate's (1933) *Microtus* group of South American mouse opossums (Marsupialia: Didelphidae). *Proc. Biol. Soc. Wash.* 102(1): 3-7.
- GEOFFROY SAINT-HILAIRE, É. 1803 - **Catalogue des mammifères du Museum National d' Histoire Naturelle.** Paris. 272p.
- GOMES, N.F. 1991 - **Revisão Sistemática do gênero *Monodelphis* (Didelphidae: Marsupialia).** Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 180p.
- HERSHKOVITZ, P. 1944 - A systematic review of the neotropical water rats genus *Nectomys* (Cricetinae). *Miscl. Pub. Mus. Zool. Univ. Michigan* 58: 1-88.
- HERSHKOVITZ, P. 1955 - Status of the generic name *Zorilla* (Mammalia): Nomenclature by rule or by caprice. *Proc. Biol. Soc. Wash.* 68: 185-192.
- HERSHKOVITZ, P. 1959 - Two new genera of South American rodents (Cricetinae). *Proc. Biol. Soc. Wash.* 72: 5-10.
- HERSHKOVITZ, P. 1960 - Mammals of northern Colombia, preliminary report No. 8: arboreal rice rats, a systematic revision of subgenus *Oecomys*, genus *Oryzomys*, *Proc. U. S. Natl. Mus.* 110(3420): 513-568.
- HERSHKOVITZ, P. 1969 - The recent mammals of the Neotropical region: a zoogeographic and ecological review. *Quart. Review Biol.* 44(1): 1-70.
- HERSHKOVITZ, P. 1987 - A history of the recent mammalogy of the Neotropical region from 1492 to 1850. *Fieldiana Zool., N. S.* 39:1-98.

- HERSHKOVITZ, P. 1992 - The South American Mouse Opossum, Genus *Gracilinanus* Gardner and Creighton, 1989 (Marmosidae, Marsupialia): a taxonomic review with notes on general morphology and relationships. *Fieldiana Zool. N. S.* 70: 1-56.
- HERSHKOVITZ, P. 1994 - The description of a new species of South American Hociúdo, or Long-Nose mouse, genus *Oxymycterus* (Sigmodontinae, Muroidea), with a critical review of the generic content. *Fieldiana Zool. N. S.* 79: 1-43.
- JOURDAN, C. 1837 - Mémoire sur quelques mamifères nouveaux. *Compt. Rend. Hebd. Sèan. Acad. Scienc.* 15: 521-524.
- KARIMI, Y.; RODRIGUES DE ALMEIDA, C e PETTER, F. 1976 - Note sur les rongeurs du nord-est du Brésil. *Mammalia* 40: 257-266.
- LANGGUTH, A. e BONVICINO, C.R. 2002 - The *Oryzomys subflavus* species group, with description of two new species (Rodentia, Muridae, Sigmodontinae). *Arqu. Mus. Nal. R.J.* 60(4): 285-294.
- LANGGUTH, A. e LIMA, J.F.S. 1988 - The karyotype of *Monodelphis americana* (Marsupialia - Didelphidae). *Rev. Nordestina Biol.* 6(1): 1-5.
- LANGGUTH, A.; MAIA, V. e MATTEVI, M.S. 2005 - Karyology of large size Brazilian species of the genus *Oecomys*. (Rodentia, Muridae, Sigmodontinae). *Arqu. Mus. Nal. R.J.* 63 : 183-190.
- LEITE, Y.L.R. 2003 - Evolution and systematics of the atlantic tree rats, genus *Phyllomys* (Rodentia, Echimyidae), with description of two new species. *Univ. California. Pub. Zool.* 132:1-118.
- LEMOES, B. e CERQUEIRA, R. 2002 - Morphological differentiation in the white-eared opossum group (Didelphidae: *Didelphis*). *J. Mamm.* 83(2): 354-369.
- LINNAEUS, C. 1758 - **Systema Naturae Per Regna Tria Naturae, Secundum Classes, Ordines, Genera, Species, Cum Characteribus, Differentiis, Synonymis, Locis; Tomus 1**, 10ª ed. L. Salvii, Holmiae. 823p.
- LUND, P.W. 1838 - Blik paa Brasiliens Dyreverden för Sidste Jordomveltning. Förste Afhandling: Indledning. *K. Dan. Videnk. Selsk. Naturvidensk. Math. Afh.*, 8: 25-27. Kjöbenhavn.
- LUND, P.W. 1840 - Blik paa Brasiliens Dyreverden för Sidste Jordomvaeltning. Tredie Afhandling: Fortsaettelse af Pattedyrene. *K. Dan. Videnk. Selsk. Naturvidensk. Math. Afh.* 8: 217-272.
- LUND, P.W. 1841 - Tillaeg til de to Sidste Afhandlinger over Brasiliens Dyreverden för Sidste Jordomvaeltning. *K. Dan. Videnk. Selsk. Naturvidensk. Math. Afh.* 8: 273-296.
- MAIA, V. 1981 - **Diversidade cromossômica em roedores das famílias Cricetidae e Caviidae de Pernambuco, Brasil.** Tese de doutorado. Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 185 p.
- MAIA, V. 1984 - Karyotypes of three species of Caviinae (Rodentia, Caviidae). *Experientia.* 40: 564-566.
- MAIA, V. e HULAK, A. 1978 - Estudo cromossômico de duas espécies da família Caviidae (Rodentia). *Rev. Nordestina Biol.* 1(1): 119-124.
- MAIA, V. e HULAK, A. 1981 - Robertsonian polymorphism in chromosomes of *Oryzomys subflavus* (Rodentia, Cricetidae). *Cytogenet. Cell Genet.* 31:33-39
- MAIA, V. e LANGGUTH, A. 1981 - New karyotypes of Brazilian akodont rodents with notes on taxonomy. *Z. Säugetierkunde* 46:241-249.
- MAIA, V. e LANGGUTH, A. 1987 - Chromosomes of the Brazilian cricetid rodent *Wiedomys pyrrhorhinos* (Wied, 1821). *Rev. Brasil. Genet.* 10(2): 229-233.
- MAIA, V.; YONENAGA-YASSUDA, Y., FREITAS, T.R.O., KASAHARA, S., MATTEVI, M.S.,

- OLIVEIRA, L.F., GALINDO, M.A. e SBALQUEIRO, I.J. 1984 - Supernumerary chromosomes, Robertsonian rearrangement and variability of the sex chromosomes in *Nectomys squamipes* (Cricetidae, Rodentia). *Genetica* 63: 121-128.
- MARES, M.A.; WILLING, M.R.; STREILEIN, K.E. e LACHER, T.E. 1981 - The mammals of Northeastern Brazil: a preliminary assessment. *Ann. Carnegie Mus.* 50(4): 81-137.
- MASSOIA, E. 1973 - Descripción de *Oryzomys fornesi*, nueva espécie y nuevos datos sobre algunos espécies y subespécies argentinas del subgénero *Oryzomys* (*Oligoryzomys*) (Mammalia - Rodentia - Cricetidae). *Rev. Invest. Agropec. Ser. Biol. Prod. Anim.* 10: 21-37.
- MASSOIA, E. e PARDIÑAS U.F. 1993 - El estado, sistemático de algunos muroideos estudiados por Ameghino en 1889. Revalidación del genero *Necromys* (Mammalia, Rodentia, Cricetidae). *Ameghiniana* 30(4): 407-418.
- MELLO, D.A. 1969 - Roedores silvestres de alguns municípios do estado de Pernambuco e suas regiões naturais. *Rev. Bras. Pesq. Med. Biol.* 2:260-262.
- MEYNARD, A.P.; PALMA, R.E. e RIVERA-MILLA, E. 2002 - Filogeografía de las llacas chilenas del género *Thylamys* (Marsupialia, Didelphidae) en base a secuencias del gen mitocondrial citocromo b. *Rev. Chilena Hist. Nat.*, 75: 299-306.
- MOOJEN, J. 1943 - Alguns mamíferos colecionados no Nordeste do Brasil com a descrição de duas espécies novas e notas de campo. *Bol. Mus. Nal. R. J. Zool.* 5: 1-14.
- MOOJEN, J. 1952 - **Os roedores do Brasil**. Biblioteca Científica Brasileira, série A - II, Rio de Janeiro. 214 p.
- MÜLLER, P.L. S. 1776 - Erste Classe, Säugende Thiere. In: **Des Ritters Carl von Linné vollständiges Natursystem nach der zwölften Lateinischen Ausgabe**. Suppl. 62p, 3 pls.
- MUSSER, G.G. e CARLETON, M.D. 1993 - Family Muridae. In: WILSON, D.E. e REEDER, D.M. (Eds.). **Mammal species of the World**. Smithsonian Institution Press, Washington. 1207p.
- MUSSER, G.G.; CARLETON, M.D., BROTHERS, E.M. e GARDNER, A.L. 1998 - Systematic studies of Oryzomine rodents (Muridae, Sigmodontine): diagnoses and distributions of species formerly assigned to *Oryzomys "capito"*. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* 236: 1-376.
- MYERS, P. e CARLETON, M.D. 1981 - The species of *Oryzomys* (*Oligoryzomys*) in Paraguay and the identity of Azara's "rat sixième ou rat tarse noir". *Misc. Pub. Mus. Zool. Univ. Michigan.* 161: 1-41.
- OLFER'S, I. von. 1818 - Bemerkungen zu Illiger's Ueberblick der Säugthiere nach ihrer Vertheilung über die Welttheile, rücksichtlich der Südamericanischen Arten (Species). Abhandlung X. In: ESCHWEGE, W. L. von. **Journal von Brasilien, oder vermischte Nachrichten aus Brasilien, auf wissenschaftlichen Reisen gesammelt**. In: BERTTUCH, F. (ed.). **Neue Bibliothek der wichtigsten Reisebeschreibungen zur Erweiterung der Erd- und Völkerkunde**, Band 15 Heft 2: 192-267.
- OLIVEIRA, J.A.; GONÇALVES, P.R. e BONVICINO, C.R. 2003 - Mamíferos da Caatinga; pp. 275-333 in: LEAL, I.R., TABARELLI, M. e SILVA J.M.C. (Eds.), **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Editora Universitaria da UFPE, Recife.
- PALMA, R.E. e YATES, T.L. 1998 - Phylogeny of southern South American Mouse opossums (*Thylamys*, Didelphidae) based on allozyme and chromosomal data. *Z. Säugetierkunde* 63(1): 1-15.
- PELZELN, A. von. 1883 - Brasilische Säugthiere. Resultate von Johann Natterer's Reise in den Jahren 1817 bis 1835. *Verh. K. K. Zool.-Bot. Ges. Wien*, Suppl. 33: 1-40.

- PETTER, F. 1968 - Une sarigue nouvelle du nord-est du Brésil, *Marmosa karimi* sp. nov. (Marsupiaux, Didelphides). *Mammalia* 32: 313-316.
- REIG, O. A. 1977 - A proposed unified nomenclature for the enamelled components of the molar teeth of the cricetidae (Rodentia). *J. Zool. (London)* 181: 227-241.
- REIG, O.A. 1987 - An assessment of the systematics and evolution of the Akodontini, with the description of new fossil species of *Akodon* (Cricetidae: Sigmodontinae). *Fieldiana, Zool. N. S.* 39:347-399.
- REIS, S.F.; DUARTE, L.C., MONTEIRO, L.R. e VON ZUBEN, F.J. 2002 - Geographic variation in cranial morphology in *Thrichomys apereoides* (Rodentia: Echimyidae). II. Geographic units, morphological discontinuities, and sampling gaps. *J. Mamm.* 83(2):345-353.
- RIEGER, T.T.; LANGGUTH, A. e WEIMER, T. A. 1995 - Allozymic characterization and evolutionary relationships in the Brazilian *Akodon cursor* species group (Rodentia - Cricetidae). *Biochem. Genet.* 33(9/10):283-295.
- SBALQUEIRO, I.J. e Nascimento, A. P. 1996 - Occurrence of *Akodon cursor* (Rodentia, Cricetidae) with 14, 15 and 16 chromosome cytotypes in the same geographic area in Southern Brazil. *Rev. Bras. Genet.* 19: 565-569.
- SILVA, M.J.J.; PERCEQUILLO, A.R., e YONENAGA-YASSUDA, Y. 2000 - Cytogenetics and systematic approach on a new *Oryzomys* species, of the *nitidus* group (Sigmodontinae, Rodentia) from Northeastern Brazil. *Caryologia* 53(3-4): 219-226.
- SOUZA, M.J. 1981 - **Caracterização cromossômica de oito espécies de roedores brasileiros das famílias Cricetidae e Echimyidae.** Tese de doutorado, Universidade de São Paulo. São Paulo
- TATE, G.H.H. 1933 - A systematic revision of the marsupial genus *Marmosa*. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* 66: 1-250.
- THOMAS, O. 1903 - Notes on South-American monkeys bats, carnivores, and rodents, with descriptions of new species. rodents. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (7)12: 455-464.
- THOMAS, O. 1904a - Two new mammals from South America. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (7)13: 142-144.
- THOMAS, O. 1904b - New forms of *Saimiri*, *Saccopteryx*, *Balantiopteryx*, and *Thrichomys* from the Neotropical region. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (7)13: 250-255.
- THOMAS, O. 1905 - New Tropical *Chrotopterus*, *Sciurus*, *Neacomys*, *Coendou*, *Proechimys*, and *Marmosa*. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (7)16: 308-314.
- THOMAS, O 1909 - Notes on some South-American mammals, with descriptions of new species. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (8)4: 230-242.
- THOMAS, O. 1911 - The mammals of the tenth edition of Linnaeus; an attempt to fix the types of the genera and the exact bases and localities of the species. *Proc. Zool. Soc. London* 1911: 120-158.
- THOMAS, O. 1916 - Some Notes on the Echimyinae. *Ann. Mag. Nat. Hist.* (8)18:294-301.
- TRIBE, C.J. 1996 - **The Neotropical Rodent genus *Rhipidomys* (Cricetidae: Sigmodontinae): a taxonomic revision.** Tese de Doutorado. University College, London. 313 p.
- VIEIRA, C.C. 1953 - Sobre uma coleção de mamíferos do Estado de Alagoas. *Arq. Zool. São Paulo* 3: 209 - 224.
- VIVO, M. de. 1997 - Mammalian evidence of historical ecological change in the Caatinga semiarid vegetation of northeastern Brazil. *J. Comp. Biol.* 2(1): 65-73.
- VOSS, R.S. e CARLETON, M.D. 1993 - A new genus for *Hesperomys molitor* Winge and *Holochilus magnus* Hershkovitz (Mammalia, Muridae) with an analysis of its phylogenetic relationships. *Amer. Mus. Novitates* (3085): 1-39

- VOSS, R.S. e MYERS, P. 1991 - *Pseudoryzomys simplex* (Rodentia: Muridae) and the Significance of Lund's Collections from the Caves of Lagoa Santa, Brazil. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* 206: 414-432.
- WAGLER, J. 1831 - Über Thiere Mexicos. *Isis von Oken.* 24(5):512.
- WAGNER, J.A. 1842a - Diagnosen neuer Arten brasilischer Säugethiere. *Arch. Naturg.* 8(1): 356-362.
- WAGNER, J. A. 1842b - Beschreibung einiger neuer order minder bekannter Nager. *Arch. Naturg.* 8(1): 1-33.
- WAGNER, J.A. 1848 - Beiträge zur Kenntniss der Säugethiere Amerika's. *Abh. Math.-Phys. Clas. K. B. Akad. Wiss , München* 5(Zweiten Abt.): 269-332.
- WIED, M.A.P. Prinz zu. 1820 - Ueber ein noch unbeschriebenes Säugethiere aus der Familie der Nager. *Isis von Oken* 6(1): 43.
- WIED, M. A. P. Prinz zu 1821 - **Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817.** Vol. 2. Frankfurt/M. 345 p.
- WIED, M.A.P. Prinz zu 1826 - **Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien.** Vol 2. **Verzeichniss der Amphibien, Säugethiere und Vögel, Abt. 2. Mammalia.** Weimar: Landes-Industrie-Comp. 620p.
- WILLIG, M.R. 1983 - Composition, microgeographic variation, and sexual dimorphism in Caatinga and Cerrado bat communities from northeast Brazil. *Bull. Carnegie. Mus. Nat. Hist.* 23: 1-13 1.
- WILLIG, M.R. e MARES, M.A. 1989 - Mammals from the Caatinga: an updated list and summary of recent research. *Rev. Brasil. Biol.* 49(2): 361-367.
- WILSON, D.E. e REEDER, D.M. 1993 - **Mammal species of the World.** Smithsonian Institution Press, Washington DC. 1207p.
- WINGE, H. 1887 - Jordfundne og nulevende Gnavere (Rodentia) fra Lagoa Santa, Minas Geraes, Brasilien. pp. 1-200 *In:* JUNGENSEN, H.F.E. (Ed.) **E Museo Lundii** 1 (3). Hagerups Boghandel, Kopenhagen
- XIMENEZ, A. 1980 - Notas sobre el género *Cavia* Pallas con la descripción de *Cavia magna* sp. n. (Mammalia-Caviidae). *Rev. Nordestina Biol.* 3 (especial): 145-179.
- ZANCHIN, N.I.T. 1988 - **Estudos cromossômicos em orizominos e equimídeos da Mata Atlântica.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 162 p.
- ZANCHIN, N.I.T., LANGGUTH, A. e MATTEVI, M.S. 1992 - Karyotypes of Brazilian species of *Rhipidomys* (Rodentia, Cricetidae). *J. Mamm.* 73(1): 120-122.

ANEXO: LISTA DE LOCALIDADES

PARAÍBA:

Alagoinha (6° 56' S 35° 33' W)

Loc. 1 Fazenda Curral Picado, 4 km NE de Alagoinha PB

Alhandra (7° 26' S, 34° 57' W)

Loc. 1 Granja Espírito Santo

Areia

Loc. 1 Mata de Pau Ferro (GPS: 25 197 360 E; 92 28 982 N)

Borborema (6° 48' S, 35° 36' W)

Loc. 1 Sítio Samambaia

Cabaceiras (7° 10' S, 35° 34' W)

Loc. 1 Fazenda Bravo

Cajazeiras (6° 54' S, 38° 34' W)

Camaratuba

Loc. 1 Mata Pau Brasil (GPS 6° 36' 39" S, 35° 07' 51" W)

Conde (7° 16' S, 34° 54' W)

Loc. 1 Sítio Mituaçu

Coremas (7° 01' S, 37°58' W)

João Pessoa (7° 07' S, 34° 52' W)

Loc. 1 Campus Universitário/UFPB

Loc. 2 Mata da CIMEPAR, Cruz das Armas

Loc. 3 Mata do Buraquinho

Loc. 4 Mata do Timbó, Conjunto dos Bancários

Juarez Távora (7° 10' S, 35° 34'W)

Loc. 1 Fazenda Independência ou Cipó Branco

Mamanguape (6° 50' S, 35° 07' W)

Loc. 1 Reserva Guaribas). (GPS: UTM 25 263 002 E; 92 54 722 W)

Loc. 2 Camaratuba

Loc. 3 Uruba

Loc. 4 5 km NE de Mamanguape, Passagem das Cobras

Loc. 5 Areia Branca, 15 km NNW de Mamanguape

Loc. 6 2 km ao norte de Mamanguape

Loc. 7 Camaratuba

Loc. 8 APA Barra de Mamanguape

Loc. 9 Reserva da SEMA, Olho de Boi

Loc. 10 Fazenda Alagamar, 6 Km ao Sul de Mamanguape.

Mojeiro (7° 21' S, 35° 26' W)

Natuba (7° 38' S, 35° 34' W)

Loc.1. Pirauá

Loc. 2 Sítio Recreio

Loc. 3 Sítio Quicé

Loc. 4 Sítio Tauá

Loc. 6 Sítio Malheiros

Loc. 7 Sítio Gito

Loc. 8 Sítio São José

Loc. 9 Sítio Chá do Vento

Loc. 10 Sítio Boa Esperança

Loc. 11 Sítio Fundão dos Medeiros

Loc. 12 Sítio Pedra da Bica

Loc. 13 Sítio Santa Maria

Patos (7° 01' S, 37° 16' W)

Loc. 1 Proximidades de Patos

Pombal (6° 46' S, 37° 47' W)

Loc. 1 Proximidades de Pombal

Princesa Isabel (7° 44' S, 38° 00' W)

Loc. 1 Sítio Santo Antônio dos Tomaz

Loc. 2 Sítio Piancozinho

Loc. 3 Sítio Lagoinha, 13 km do distrito de Triunfo

Loc. 4 Sítio Cajueiro

Loc. 5 Sítio Moraes, 8 km do distrito de Triunfo

Loc. 6 Sítio Sozinho

Loc. 7 Sítio Caldeirão

Loc. 8 Sítio Mata de Patos

Loc. 9 Sítio Chorão

Loc. 10 Sítio Santana, 9 km do distrito de Triunfo

Loc. 11 Sítio Lagoa de Dentro, 6 km do distrito de Triunfo

Loc. 12 Sítio Tataíra

Loc. 13 Sítio Asquiras

Salgado de São Félix (7° 21' S, 35° 26' W)

Loc. 1 Sítio Preguiça

Loc. 2 Vila Feira Nova

Loc. 3 Fazenda T. do Marinheiro

Loc. 4 Sítio Quicé

Loc. 5 Sítio Pau D' Arco

Loc. 6 Sítio Campinas

Loc. 7 Eng. Covão

Loc. 8 Sítio Bebedouro

Loc. 9 Sítio Fundão

Loc. 10 Fazenda Alegre velho

Loc. 11 Sítio Campina

Loc. 12 Sítio Falcão

Santa Rita (7° 08' S, 34° 58' W)

Loc. 1 Mata do Gargaú

Sapé (7° 06' S, 35° 13' W)

Loc. 1 Fazenda Pacatuba

Loc. 2 Corredor Pacatuba - São João

Serraria (6° 49' S, 35° 38' W)

Loc. 1 Sítio Avenca

Teixeira (7° 13' S, 37° 15' W)

Loc. 1 Pico do Jabre.

PERNAMBUCO:

Agrestina (8° 27' S, 35° 57' W)

Loc. 1 Sítio Flecheiras

Loc. 2 Sítio Serra da Quitéria

Água Preta (7°34' S, 35°20' W)**Alagoinha** (8° 29' S, 36° 47' W)

Loc. 1 Sítio Serrote

Angelim (8° 53' S, 36° 17' W)

Loc. 1 Sítio Caldeirão

Araripina (7° 33' S, 40° 34' W)

Loc. 1 Sítio Inácio

Belo Jardim (8° 20' S, 36° 26' W)**Bezerros**

Loc. 1 Fazenda Vertentes (GPS: 8° 11' 35" S; 35° 47' 31" W)

Loc. 2 Parque Ecológico Serra Negra (GPS: UTM 25 196 706 E; 90 98 001 N)

Bodocó (7° 47' S, 39° 55' W)

Loc. 1 Sítio Lopes

Loc. 2 Sítio São Gonçalo

Loc. 3 Sítio Roncador

Loc. 4 Sítio Alto Grande

Loc. 5 Sítio Melancia

Loc. 6 Sítio Arapuá

Loc. 7 Sítio Socorro

Loc. 8 Sítio Tanque

Loc. 9 Sítio Belém

Loc. 10 Sítio Serra do Brejo

Loc. 11 Sítio Sabonete

Bom Conselho (9° 10' S, 36° 41' W)

Loc. 1 Fazenda Bálsamo

Loc. 2 Sítio Jacinto

Loc. 3 Sítio Pavão

Loc. 4 Sítio Pacas

Loc. 5 Sítio Sonhem

Loc. 6 Sítio Xucurus

Loc. 7 Sítio Cacimbinhas

Loc. 8 Sítio Baixada do Serafim

Loc. 9 Sítio Papacalcinha,

Loc. 10 Sítio Serra Grande

Loc. 11 Sítio Riacho do Barro

Bonito (8°29' S, 35° 44' W)

Loc. 1 Sítio Rodeadouro

Brejo da Madre de Deus (8° 09' S, 36° 22' W)

Loc. 1 Sítio Rita

Loc. 2 Sítio Bitury

Buíque (8° 37' S, 37° 09' W)

Loc. 1 Sítio Barracas

Loc. 2 Sítio Mata Verde]

Loc. 3 Sítio Cabo do Campo Norte

Cabo de Santo Agostinho (8° 20' S, 34° 55'' W)

Loc. 1 Mata do Gurjaú

Caruaru (8° 17' S, 35° 58' W)

Loc. 1 Sítio Terra Vermelha

Loc. 2 Sítio Maria Clara

Loc. 3 Sítio Capim

Loc. 4 Sítio Quandú

Loc. 5 Fazenda Angico

Loc. 6 Sítio Serra de São Francisco

Loc. 7 Sítio Torres

Loc. 8 Sítio Várzea da Picada

Loc. 9 Sítio Brejo do Buraco

Loc. 10 Faz. Santa Maria

Loc. 11 Sítio Caldeirão de Itaúna

Loc. 12 Sítio Serra dos Cavalos (= Fazenda Caruaru = Parque Municipal Vasconcelos Sobrinho)

Loc. 13 Sítio Capoeirão

Loc. 14 Sítio Brejo Velho

Loc. 15 Sítio Riacho dos Mocós

Loc. 16 Sítio Campos

Loc. 17 Sítio Brejinho de Terra Vermelha

Loc. 18 Sítio Serra dos Pintos

Loc. 19 Sítio Malhada das Caveiras

Loc. 20 Sítio Pitombeiras

Loc. 21 Sítio Alto da Ameixa

Loc. 22 Fazenda Salgado

Loc. 23 Sítio Campo Novo

Correntes (9° 08' S, 36° 19' W)

Loc. 1 Sítio Carango

Loc. 2 Sítio Pau Vermelho

Loc. 3 Sítio Mendes

Loc. 4 Sítio Apipucos

Loc. 5 Fazenda Bezerra

Exu (7° 31' S, 39° 43' W)

Loc. 1 Sítio Altinho

Loc. 2 Sítio Serra do Ingá

Loc. 3 Sítio Gravatá

Loc. 4 7 km S de Exu

- Loc. 5 Fazenda Pinheiro
- Loc. 6 Fazenda Batente (6 km S de Exu)
- Loc. 7 Fazenda Santa Helena
- Loc. 8 Sítio Mangueiras

Floresta

- Loc. 1 Serra Negra (8° 30' S, 38° 15' W)

Garanhuns (8° 54' S, 36° 29'W)

- Loc. 1 Sítio Pau Amarelo
- Loc. 2 Sítio Sacão
- Loc. 3 Sítio Serra da Pedra
- Loc. 4 Sítio Riacho Seco
- Loc. 5 Sítio Flamengo
- Loc. 6 Sítio Riacho Fundo
- Loc. 7 Sítio Roncaria
- Loc. 8 Sítio Outeiro
- Loc. 9 Sítio Cajarana
- Loc. 10 Sítio Canhoto
- Loc. 11 Sítio Laranja
- Loc. 12 Fazenda Lagoinha
- Loc. 13 Fazenda Mocós
- Loc. 14 Sítio Marias Pretas
- Loc. 15 Sítio São Vicente
- Loc. 16 Sítio Lagoa da Porta
- Loc. 17 Fazenda Lagoa da Porta
- Loc. 18 Cidade de Garanhuns
- Loc. 19 Engenho Santa Rita
- Loc. 20 Sítio Trindade
- Loc. 21 Sítio Cavaquinho
- Loc. 22 Sítio Inhumas
- Loc. 23 Sítio Bibocas
- Loc. 24 Engenho Campo Alegre
- Loc. 25 Sítio Brejo Grande
- Loc. 26 Engenho Mamão
- Loc. 27 Sítio Barroão
- Loc. 28 Sítio Urumbeba
- Loc. 29 Sítio Várzea do Ingá
- Loc. 30 Sítio Tanque Novo
- Loc. 31 Sítio Terra Preta
- Loc. 32 Sítio Bom retiro
- Loc. 33 Sítio Flecheiras
- Loc. 34 Engenho Inumas
- Loc. 35 Sítio Baixada da lama
- Loc. 36 Sítio São Gonçalo
- Loc. 37 Sítio Ligeiro
- Loc. 38 Sítio Cristóvão
- Loc. 39 Sítio Mangueira
- Loc. 40 Sítio Baco

Goiana (7° 33' S, 34° 59' W)

Loc. 1 Proximidades de Goiana

Igarassú

Loc. 1 Refúgio Charles Darwin (GPS: 7° 48' 40" S; 34° 57' 18" W)

Inajá (8° 54' S, 37° 49' W)

Loc. 1 Reseva Biológica de Serra Negra

Macaparana (7° 34' S, 35° 27' W)

Loc. 1 Fazenda Monte Alegre

Loc. 2 Sítio Chã Pau D' Arco

Loc. 3 Sítio José Camilo

Loc. 4 Sítio Fandango

Loc. 5 Sítio Olho D' Água

Loc. 6 Faz. Maçaranduba, 1,5 km de Pirauá

Loc. 7 Sítio Irara

Maraial (8° 47' S, 35° 50' W)

Loc. 1 Usina Frei Caneca

Loc. 2 Mata do Ageró, Usina Frei Caneca

Loc. 3 Mata do ferredouro, Usina Frei Caneca

Palmeirina (8° 56' S, 36° 17' W)

Panelas (8° 40' S, 36° 01' W)

Paulista (7° 57' S, 34° 53' W)

Pedra (8° 30' S, 36° 57' W)

Loc. 1 Serrote próximo ao Caldeirão

Loc. 2 Fazenda Caboclo

Pesqueira (8° 22' S, 36° 42' W)

Loc. 1 Fazenda Tambores

Loc. 2 Sítio Ismerio

Loc. 3 Sítio São José

Loc. 4 Fazenda Catolé

Loc. 5 Sítio Areias

Loc. 6 Sítio Juá

Loc. 7 Sítio Bananeiras da Serra

Loc. 8 Sítio Curral de Boi

Loc. 9 Sítio Recanto do Batedor

Loc. 10 Sítio Pé de Cachoeira

Loc. 11 Fazenda Boa Vista de Baixo

Loc. 12 Sítio Xavier

Loc. 13 Sítio Seriema

Loc. 14 Sítio Angicos

Loc. 15 Fazenda Quatro Cantos

Loc. 16 Fazenda Cacimba Nova

Loc. 17 Sítio Carrapato
Loc. 18 Sítio Serrinha
Loc. 19 Sítio Ceguinha
Loc. 20 Fazenda Pitanguinha
Loc. 21 Fazenda Capim
Petrolândia (9° 05' S, 38° 18' W)
Loc. 1 Petrolândia Velha
Loc. 2 Barragem de Itaparica

Poção (8° 11' S, 36° 42' W)
Loc. 1 Proximidades de Poção

Recife (8° 03' S, 34° 54' W)
Loc. 1 Mata de São João da Várzea
Loc. 2 Dois Irmãos, Campus da UFRPE.
Loc. 3 Fábrica Tupy, Engenho do Meio

Rio Formoso (8° 40' S, 35° 09' W)
Loc. 1 Reserva Biológica de Saltinho (= EFLEX Saltinho)

São Bento do Una (8° 32' S, 36° 22' W)

São Caetano (8° 02' S, 36° 06' W)
Loc. 1 Sítio Cafundó de Nazário
Loc. 2 Sítio Boqueirão de Nazário

São Lourenço da Mata (8° 00' S, 35° 03' W)
Loc. 1 Rancho Mineiro, 6 Km ao NE de São Lourenço da Mata, Km 12,5
da estrada de Aldeia, Município de Camaragibe
Loc. 2 Tapacurá (8° 00' S, 35°06' W)

São Vicente Ferrer (7° 35' S, 35° 30' W)
Loc. 1 Sítio Alto do Miro

Serra Talhada (7° 59' S, 38° 10' W)
Loc. 1 Fazenda Saco

Sertânia (8° 05' S, 37° 16' W)
Loc. 1 Sítio São Paulo
Loc. 2 Sítio Pinhões
Loc. 3 Fazenda Criação

Timbaúba
Loc. 1 Mata Água Azul, Usina Cruangi (GPS: 7° 36' 30" S; 35° 22' 43" W)

Triunfo (7° 50' S, 38° 07' W)
Loc. 1 Sítio Canoa Brava de Jericó
Loc. 2 Sítio Boa Esperança de Jericó
Loc. 3 Sítio Baixada Grande

- Loc. 4 Sítio Serrinha
- Loc. 5 Sítio Santa Rita
- Loc. 6 Sítio Cangaçal
- Loc. 7 Sítio Espírito Santo
- Loc. 8 Sítio Boa Esperança
- Loc. 9 Sítio São João
- Loc. 10 Sítio Caititu
- Loc. 11 Sítio Retiro
- Loc. 12 Sítio Cajueiro
- Loc. 13 Sítio Brejinho
- Loc. 14 Sítio Carrapicho
- Loc. 15 Sítio Mata Redonda
- Loc. 16 Sítio Bom Jesus de Baixa Verde
- Loc. 17 Sítio Boa Esperança de Baixa Verve
- Loc. 18 Sítio Piripiri
- Loc. 19 Sítio Lagoa do Almeida
- Loc. 20 Sítio Belizário
- Loc. 21 Sítio Ladeira de São Mateus

Vicência (7° 40' S, 35° 20' W)

